XV Prémio Literário Aldónio Gomes | 2026

António Maria Ramos

A SINTAXE DO SILÊNCIO

universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

XV Prémio Literário Aldónio Gomes | 2026

António Maria Ramos

A SINTAXE DO SILÊNCIO

universidade de aveiro
theoria poiesis praxis

FICHA TÉCNICA

TÍTULO
A Sintaxe do Silêncio

AUTOR
António Maria Ramos

FOTO DA CAPA
Jamie Taylor — Unsplash

IMPRESSÃO E ACABAMENTO
Lousanense – Artes Gráficas

EDITORA
UA Editora - Universidade de Aveiro

1.ª edição – setembro de 2026

TIRAGEM
250 exemplares

ISBN: 978-972-789-974-6

ISBN Digital: 978-972-789-975-3

DOI: https://doi.org/10.48528/s1hh-nr89

Os conteúdos apresentados são da exclusiva responsabilidade dos respetivos autores.
© Autores. Esta obra encontra-se sob a Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0

«Temos todos, creio, na nossa alma, um sótão onde recolhemos o que não queremos que os outros vejam.»

José Saramago

PRÓLOGO
24 de novembro de 2006

O nevoeiro em São Jacinto não cai do céu. Ele rasteja a partir da ria, engolindo o chão primeiro e os homens depois.

Naquela sexta-feira de novembro, a neblina era tão espessa que as luzes dos postes de eletricidade pareciam meros fantasmas amarelados suspensos no ar. O cheiro a pinheiro molhado e a lodo entranhava-se nas roupas, e o frio cortava a pele com a precisão de uma navalha.

Eram três e meia da tarde quando a sineta de latão da velha escola primária tocou.

O som metálico rasgou o silêncio baço da península. Segundos depois, a pesada porta de madeira verde abriu-se de par em par, trazendo dezenas de crianças para o pátio empedrado. Corriam como pequenos animais libertados de uma jaula, alheios à intempérie, os casacos mal abotoados e as mochilas a baterem nas costas.

Entre eles, vinha Miguel.

Tinha sete anos, o cabelo escuro colado à testa pelo suor da sala aquecida a lenha e um blusão de nylon azul-escuro que a mãe lhe comprara um tamanho acima, para que durasse até ao inverno seguinte. Atrás dele, quase a pisar-lhe os calcanhares, corria Rui. Eram inseparáveis. Onde o azul do casaco de Miguel brilhava, o gorro de lã de Rui não andava longe.

«És o ladrão!» gritou Miguel, a voz aguda a furar a humidade do ar. «Tens dez segundos para fugir!»

«Não vale ir para o lado do quartel!» avisou Rui, rindo, enquanto desatava a correr em direção ao portão da escola.

«Um... dois... três...» Miguel tapou os olhos com as mãos encardidas de giz, encostando o rosto ao granito do muro da escola.

Ao longe, o apito do *ferry* soou na ria, um lamento longo que avisava as embarcações mais pequenas para não saírem da doca. As mulheres da vila, embrulhadas em xailes escuros, apressavam o passo nos passeios, recolhendo a roupa dos estendais antes que a humidade a ensopasse de novo. Ninguém olhava para as crianças. Numa terra pequena, os filhos de um são os filhos de todos, e a rua era o quintal mais seguro do mundo.

«…nove... dez! Vou apanhar-te!»

Miguel destapou os olhos. O pátio estava quase vazio. O nevoeiro tinha avançado nos últimos dez segundos, apagando os contornos das casas em frente à escola. Ele sorriu, enquanto o fôlego desenhava pequenas nuvens brancas no ar frio, e correu em direção à cortina cinzenta, seguindo o som dos passos de Rui.

O blusão azul foi engolido pela névoa.

Eram cinco da tarde quando a primeira sombra de pânico rastejou sobre São Jacinto. A luz do dia, já de si fraca, morreu prematuramente. Rosa Tavares estava à porta de casa, no bairro dos Pescadores, limpando as mãos húmidas ao avental. O relógio da cozinha marcava um atraso inexplicável. O percurso da escola até casa demorava dez minutos. Quinze, se o menino parasse para atirar pedras à ria.

Às cinco e meia, Rosa trancou a porta e caminhou em passo acelerado pelas ruas desertas. A humidade entranhava-se-lhe nos ossos, mas o frio que sentia no estômago não vinha do clima. Vinha do instinto primitivo de uma mãe que sabe que a ordem natural do universo acabou de sofrer uma fratura.

A velha escola estava de portas trancadas. No topo da escadaria de granito, a professora Lurdes fechava o portão de ferro. A professora estava anormalmente pálida, as mãos a tremerem tanto que as chaves tilintavam numa melodia nervosa contra o metal.

«Professora Lurdes!» chamou Rosa, a voz a embargar-se. «O meu Miguel ficou de castigo? Ele não chegou a casa.»

A professora deixou cair o molho de chaves no chão empedrado. O som foi agudo e seco.

«Ele não está aqui, Rosa», respondeu Lurdes. A voz da velha educadora soou frágil, esvaziada. «Eles saíram todos às três e meia.»

Às sete da noite, a GNR foi ativada. Meia hora depois, o comandante do Regimento de Infantaria N.º 10 abriu os portões da base militar e ordenou que dezenas de soldados se juntassem às buscas. São Jacinto, habitualmente adormecida, transformou-se num palco de guerra contra a natureza.

As sirenes azuis dos jipes rasgavam o nevoeiro espesso, pintando as fachadas das casas com clarões intermitentes. Os faróis dos carros serviam de lanternas naquele breu. Homens fardados, armados com lanternas pesadas, batiam os pinhais da Reserva Natural, gritando o nome da criança. Os feixes de luz cruzavam-se no ar como espadas cegas, incapazes de furar a escuridão absoluta.

Os cães pisteiros da guarda, pastores alemães treinados para seguir odores a quilómetros de distância, andavam em círculos, confusos, «choramingando» perante a densidade do sal e do lodo que camuflava qualquer rasto humano no chão.

«Miguel!»

O grito de Rosa sobrepôs-se ao latir dos cães e ao barulho dos motores. Ela caminhava pela margem escorregadia da ria de Aveiro, a bainha da saia ensopada em água, a lanterna na mão a tremer descontroladamente. Tropeçava nas pedras, reerguia-se e voltava a gritar, até a garganta sangrar.

«Miguel! Onde estás, meu amor? Responde à mãe!»

Atrás dela, amparando-lhe os ombros para que a mulher não caísse nas águas geladas, estava o Padre Elias. O clérigo vestia a sua batina preta, o rosto cadavérico banhado em lágrimas silenciosas que a mãe em pânico confundiu com compaixão e solidariedade divina.

«Calma, Rosa», sussurrava o padre, a voz embargada por um remorso que ela não conseguia decifrar. «Deus não o vai abandonar no escuro. Nós vamos encontrá-lo.»

A poucos metros dali, no centro de saúde, a doutora Cristina preparava calmantes com as mãos invulgarmente firmes, entregando as ampolas aos enfermeiros para sedarem os familiares mais histéricos, enquanto o seu próprio filho de sete anos dormia um sono induzido num catre na sala do fundo. E nos estaleiros navais, o pescador João olhava fixamente para o reflexo das sirenes na água negra da doca, com uma garrafa de aguardente colada ao peito, tremendo não do frio, mas do peso da terra que as suas unhas ainda guardavam.

A noite inteira foi devorada pelas buscas. Centenas de vozes chamaram por aquele nome até o sol nascer baço no horizonte.

Mas São Jacinto mergulhou num silêncio absoluto quando a manhã revelou que a península estava vazia. A ria continuou a bater contra a pedra. O vento continuou a soprar, varrendo as pegadas da areia. O pequeno Miguel Tavares nunca mais chegou a casa.

CAPÍTULO 1
fevereiro 2026 | 20 anos depois

O mar em São Jacinto nunca devolve o que rouba no mesmo estado.

A tempestade fustigara a península durante três dias e três noites. O vento, nascido algures no escuro do Atlântico, arrancara passadiços de madeira e engolira dezenas de metros de areal na praia contígua à Reserva Natural. Quando a intempérie finalmente cedeu, deixando no ar um cheiro espesso a iodo e a salitre, as dunas tinham mudado de feitio. Uma das encostas de areia branca abatera com a força das marés, revelando o que a terra guardava em silêncio há vinte anos.

Teresa enterrou as mãos nos bolsos do sobretudo, sentindo a humidade infiltrar-se-lhe nos ossos. O vento cortava a direito, mas ela mal pestanejava enquanto olhava para o fosso delimitado pela fita amarela da Polícia Judiciária.

«É muito pequeno.» A voz de Vicente soou abafada pelo barulho da rebentação.

O psicólogo forense estava agachado na orla da cova, com o colarinho do casaco de fazenda levantado até às orelhas. Vicente não era um polícia de carreira. Até há cinco anos, as suas trincheiras eram os anfiteatros da Universidade de Coimbra, onde lecionava Linguística e Comportamento. Tinha abandonado o prestígio académico quando percebeu que a verdadeira sintaxe da natureza humana não se encontrava nas teses de doutoramento, mas sim nas fraturas morais das cenas de crime.

«Sete anos», disse Teresa, a voz seca, desprovida de qualquer entoação. «No máximo, oito.»

No fundo do buraco repousava um esqueleto incompleto. Perto do que restava do crânio, onde era visível uma racha funda

e irregular, havia um pedaço de tecido azul. Estava desbotado pelo tempo, enrijecido pelo sal, mas ainda perfeitamente reconhecível como o nylon de um blusão de criança.

Vicente calçou um par de luvas de látex, desceu cuidadosamente ao declive de areia e tocou no tecido rígido. Com a ponta dos dedos, libertou um pequeno objeto metálico que estava preso ao que restava do cursor do fecho éclair.

«Teresa...» Vicente ergueu-se, segurando um pequeno saco de recolha de provas transparente. Lá dentro, sujo de areia escura e lodo seco, estava um porta-chaves de metal prateado com a forma de uma pequena âncora. Na superfície gasta do metal, uma gravação a laser, escurecida pela oxidação, ainda era legível. «Diz *Miguel*.»

Teresa sentiu um nó cego apertar-lhe a garganta. Ela tinha pedido transferência de Lisboa para Aveiro há apenas seis meses à procura de paz, a tentar fugir do caso de Alcântara: o menino de seis anos que a sua brigada não conseguira encontrar a tempo. O rosto daquela criança morta em Lisboa habitava as insónias de Teresa, transformando-a numa mulher exausta. Em vez da paz da província, a península recebia-a agora com os ossos de outra infância roubada e uma identificação macabra.

«Miguel Tavares», disse Vicente, subindo a encosta e sacudindo a areia dos joelhos. «O país inteiro procurou-o há vinte anos. Nas matas, na base militar. Nunca apareceu.»

«Até hoje.» Teresa olhou para a linha cinzenta onde a ria se fundia com o céu. «A mãe dele. A Rosa Tavares. Ainda mora cá?»

«Mora na mesma casa», confirmou o psicólogo, baixando o tom de voz. «Durante quinze anos, ela manteve a luz do alpendre acesa todas as noites. Era um farol. Há cinco anos, disseram-me que ela tirou a lâmpada. Assumiu que ele tinha caído à ria e morrido no mar. Conformou-se com o abismo.»

«Nenhuma mãe se conforma com o abismo, Vicente. Apenas aprende a respirar debaixo de água», corrigiu Teresa, virando costas à praia. «Manda recolher os restos para o laboratório de Coimbra. Nós os dois vamos a casa dos Tavares. Com este porta-chaves

na mão, não há margem para dúvidas. Ela não pode saber disto pelos boatos ou pela televisão.»

A viagem de jipe demorou menos de cinco minutos. São Jacinto era uma pequena manta de retalhos de casas de teto baixo, ladeadas por passeios estreitos e azulejos gastos pelo sal.

A casa de Rosa ficava no fim de uma rua sem saída, virada para a vastidão da ria. O alpendre estava sombrio. No teto de madeira, o casquilho da lâmpada estava vazio, um buraco negro que testemunhava a rendição da esperança.

Teresa saiu do jipe e caminhou até à porta de alumínio branco. O vento soprava, fazendo ranger a velha cancela do jardim. A inspetora hesitou por um milissegundo antes de bater. O som dos nós dos dedos no metal pareceu ensurdecedor.

A porta abriu-se devagar.

Rosa não tinha mais de sessenta anos, mas o luto tinha-lhe devorado a juventude com a voracidade de uma doença terminal. O cabelo, ralo e completamente branco, estava apanhado num gancho gasto. Os ombros curvavam-se sob o peso de um xadrez de lã cinzento. Mas foram os olhos dela que fizeram Teresa suster a respiração. Eram poços de água parada, baços, desprovidos de qualquer brilho vital.

«Dona Rosa?» perguntou Teresa, a voz suave, tirando o distintivo do bolso. «Sou a inspetora Teresa, da Polícia Judiciária. Este é o doutor Vicente. Podemos entrar um momento?»

Rosa olhou do distintivo para os rostos dos dois investigadores. Os olhos baços piscaram, muito devagar. Ela não pareceu surpreendida. Afastou-se da porta num silêncio arrastado, deixando-os entrar para um corredor estreito que cheirava a cera de móveis e a humidade antiga.

A sala de estar era um mausoléu. Não havia fotografias de Miguel nas paredes, provavelmente o limiar da dor devia ter sido ultrapassado há muito, mas havia um espaço perfeitamente limpo na estante onde antes repousavam porta-retratos, e os estofos do

sofá preservavam um afundamento crónico no lugar onde Rosa passava as suas madrugadas em claro.

«Vocês encontraram o meu menino?» A voz de Rosa foi um sussurro áspero, um som que não era usado em conversas normais há anos. Ela não se sentou. Permaneceu de pé no centro da sala, apertando as mãos contra o peito.

«A maré cedeu hoje de manhã, nas dunas da Reserva Natural, dona Rosa», confirmou Teresa. Não havia forma humana de amortecer aquele golpe. «Encontrámos restos mortais compatíveis com a idade do Miguel. E um pedaço de um blusão azul.»

Teresa enfiou a mão no bolso do sobretudo e retirou o saco de recolha de provas, estendendo-o na direção da mãe.

«Encontrámos isto preso ao fecho do casaco. Precisamos que nos confirme.»

Rosa olhou para o saco transparente de plástico. O porta-chaves em forma de âncora com o nome gravado brilhou baço à luz da sala. A mulher não precisou de tocar no objeto. As pernas dela cederam ligeiramente, e Vicente deu um passo em frente para a amparar, mas ela ergueu a mão, travando-o.

Rosa não chorou. Não desabou no chão nem gritou. O que se seguiu foi muito pior.

A mulher pareceu encolher fisicamente perante os olhos deles. O peito dela esvaziou-se num suspiro oco, prolongado e aterrador.

«Foi a prenda do avô dele. No dia em que fez sete anos», repetiu Rosa, olhando para as próprias mãos trémulas. «Nas dunas. A menos de dois quilómetros daqui. Durante vinte anos... quando havia tempestades, eu ouvia o vento a bater nas janelas e pensava que ele estava frio no fundo do mar. E ele estava ali. Enterrado na nossa areia.»

«Sinto muito», murmurou Vicente, sentindo o peso da própria impotência.

Rosa levantou lentamente o rosto. A palidez cadavérica foi subitamente substituída por uma sombra dura, uma fratura na sua resignação.

«Alguém o pôs lá, inspetora.» Os olhos dela cravaram-se em Teresa, implacáveis e subitamente lúcidos. «O meu Miguel tinha pavor da praia no inverno por causa do barulho das ondas. Ele nunca iria para as dunas sozinho com aquele nevoeiro. Alguém o meteu naquele buraco. Prometa-me que não vai deixar quem fez isto respirar o mesmo ar que eu.»

Teresa cruzou o olhar com a mãe. A fúria silenciosa de Rosa espelhava o próprio abismo de Teresa.

«Eu prometo-lhe, Rosa. Quem o enterrou vai pagar por cada dia destes vinte anos.»

Quando saíram da casa e voltaram para o jipe, o silêncio entre Teresa e Vicente era de chumbo. A inspetora ligou o motor com violência, as palavras de Rosa a latejarem-lhe nas têmporas. Ela não fazia a mínima ideia de que, nesse exato momento, no posto da GNR, o pagamento dessa promessa estava prestes a cobrar um preço que nenhum deles poderia prever.

CAPÍTULO 2

O isolamento de São Jacinto é uma ilusão geográfica. Quando se vive numa língua de areia imprensada entre a vastidão do Atlântico e as águas paradas da ria, as palavras não precisam de pontes para viajar: elas apanham o *ferry*.

Eram quase duas da tarde quando a embarcação vinda do Forte da Barra atracou no cais principal com um solavanco metálico. O convés não trazia apenas carros utilitários e caixotes de peixe. Trazia um «murmúrio elétrico». Os marinheiros tinham visto as carrinhas pretas da Polícia Judiciária contornar a Reserva Natural. Tinham visto as fitas amarelas. Tinham visto os peritos de fatos brancos a peneirar a areia.

Na lota velha, o cheiro a marisco morto misturava-se com o fumo de tabaco barato.

João estava encostado aos cacifos de metal, a segurar um copo de plástico com vinho tinto que lhe tremia nas mãos grossas. À sua frente, um funcionário das Finanças, acompanhado por um guarda portuário, preenchia um formulário azul num quadro de mola.

«É a última notificação, João», disse o funcionário, sem o olhar nos olhos, concentrado na burocracia. «O barco fica arrestado a partir das quinze horas de hoje. Pode tirar os seus pertences pessoais da cabine, mas não pode ligar o motor.»

João não respondeu. A humilhação era um manto velho e pesado que ele já se habituara a vestir perante os outros pescadores da vila. O barco era a última coisa que o ligava à dignidade humana. Sem ele, era apenas o bêbado do cais, um fantasma que deambulava entre as redes dos outros.

Foi então que um mestre de embarcação entrou na lota a correr, atirando as botas de borracha contra o chão molhado com estrondo.

«Descobriram ossos nas dunas velhas!» gritou o homem, ofegante. O eco da voz dele calou a lota inteira num instante. O som das gaivotas lá fora pareceu amplificar-se. «A maré esvaziou a encosta do lado da base militar. Dizem que há um blusão azul desfeito lá no fundo da cova. É o menino dos Tavares! A Judiciária já foi bater à porta da Rosa!»

O funcionário das Finanças parou de escrever, a caneta suspensa no ar.

O copo de plástico de João escorregou-lhe dos dedos inertes. O vinho tinto estilhaçou-se no cimento molhado, espalhando-se como uma poça de sangue escuro junto às suas botas de borracha.

João olhou para as próprias mãos. Os calos, as cicatrizes profundas das cordas, a sujidade entranhada nas unhas. O pescador começou a tremer de forma descontrolada, uma vibração que lhe subia pelas pernas e lhe tomava o peito. A respiração tornou-se curta, um chiado doloroso. O olhar dele perdeu o foco na parede da lota, como se o cimento tivesse desaparecido e dado lugar a uma escuridão impenetrável.

«João? Estás bem?» perguntou o guarda portuário, dando um passo cauteloso na direção dele, achando que o homem estava a ter um colapso pela perda da embarcação.

«Fiquem com o barco», sussurrou o pescador. A voz saiu-lhe num raspar de pedras, vazia de raiva, cheia de um terror primitivo e oco que ninguém ali conseguiu decifrar. «Eu já não preciso dele para nada.»

Ele virou costas à lota e começou a caminhar em direção à porta aberta, para o nevoeiro que começava a formar-se sobre a água. Deixou para trás os papéis das Finanças e o vinho derramado. A trepidação nas pernas já não era da bebedeira nem do arresto, era o chamamento do abismo, um homem a caminhar para o fim da sua própria linha.

A menos de um quilómetro dali, a Igreja Matriz de São Jacinto estava vazia e gelada.

O cheiro a cera velha e a humidade infiltrada nas paredes de pedra criava uma atmosfera fúnebre permanente. O Padre Elias estava ajoelhado no primeiro banco, de frente para o altar-mor. As mãos pálidas seguravam um terço de madeira de oliveira, mas os lábios não se moviam. Há muito tempo que Elias rezava num silêncio pesado, como se temesse que as suas palavras profanassem o silêncio de Deus.

O ranger pesado da porta principal da igreja quebrou a quietude do templo.

A «menina» Carmo, uma das mulheres que tratava dos arranjos florais da paróquia, entrou a correr pela coxia central. Tinha o xaile mal traçado sobre os ombros, os olhos arregalados e a respiração descompassada.

«Senhor padre!» chamou ela, a voz fina a ecoar na abóbada de pedra. «Senhor padre Elias, acuda!»

Elias levantou-se lentamente, alisando a batina preta com as mãos finas. O estômago dele contraiu-se com uma intuição profética e gélida. Numa terra daquelas, correria na igreja era sempre sinónimo da pior das desgraças.

«O que se passa? Está tudo bem?»

«Não, senhor padre. Aconteceu uma desgraça!» A mulher parou a poucos metros do altar, num nervoso frenético, com as lágrimas já a molharem-lhe as faces enrugadas. «A tempestade abriu um buraco nas dunas da reserva. A polícia encontrou os ossos do pequeno Miguel. Do filho da Rosa. Está confirmado.»

O silêncio que se seguiu pareceu engolir todo o oxigénio da igreja.

Elias olhou lentamente para o grande crucifixo iluminado acima do sacrário. A imagem de Cristo pregado na madeira pareceu devolver-lhe o olhar com uma gravidade insuportável. A memória de Rosa Tavares a chorar ininterruptamente no seu confessionário, a suplicar-lhe durante vinte anos que lhe dissesse se Deus tinha levado o menino para um lugar melhor, atravessou-lhe o peito como uma lança.

O rosto do padre perdeu a pouca cor que tinha. Os ombros descaíram, esmagados por uma dor invisível e colossal. A sombra daquela tragédia, que pairava sobre a vila há duas décadas, acabava de ganhar forma física.

«Obrigado, menina Carmo», disse o padre. A voz saiu-lhe anormalmente baixa, num sussurro embargado. «Vá para casa. Feche as janelas e reze um terço.»

«O senhor não vai a casa da Rosa confortá-la?» perguntou a mulher, confusa com a apatia gélida do seu pároco. «Ela vai precisar do seu amparo.»

«A Rosa não precisa de palavras vazias hoje.» Elias desceu os degraus de mármore do altar. As suas botas ecoaram no chão com um compasso arrastado. Ele parou e olhou para as portas da igreja, que davam para a rua principal. A expressão dele era a de um homem que se preparava para a condenação final. «Hoje, a minha cruz é outra. A comunidade precisa de um sacrifício.»

O padre deixou a paroquiana plantada no meio da nave e caminhou para a saída, em direção ao nevoeiro e à pequena esquadra da GNR no fundo da rua.

CAPÍTULO 3

A sala de espera do centro de saúde de São Jacinto era um retângulo pintado de um verde-água desbotado, onde o relógio de parede marcava o tempo com um tique-taque apático. A doutora Cristina estava no seu gabinete, sentada à secretária, a redigir o processo clínico de um doente com bronquite.

Aos cinquenta anos, Cristina era o pilar racional daquela terra. Não tinha paciência para mezinhas, não se deixava comover por lágrimas de crocodilo e diagnosticava com a frieza de um bisturi. O cabelo grisalho cortado rente e a postura invariavelmente direita conferiam-lhe uma autoridade que ninguém, nem o presidente da junta de freguesia, ousava questionar.

A porta do gabinete abriu-se sem que ninguém batesse. Era a enfermeira, com a cara completamente lívida.

«Doutora Cristina.»

A médica não levantou os olhos do processo imediatamente.

«A não ser que alguém esteja a ter uma paragem cardiorrespiratória no corredor, enfermeira, sabe que não gosto que entrem sem bater.»

«Desculpe, doutora. Mas acabou de ligar o farmacêutico cá da rua. A polícia encontrou o corpo do Miguel Tavares nas dunas velhas da reserva.»

A caneta de tinta permanente de Cristina parou a meio de uma palavra. A ponta metálica pressionou o papel até formar uma pequena mancha de tinta preta que se começou a alastrar lentamente pelas fibras da folha, como uma aranha escura. O coração da médica deu um solavanco brutal contra as costelas, mas a respiração manteve-se nivelada. Quase trinta anos de medicina em situações de urgência tinham-na treinado a mascarar o pânico de forma irrepreensível.

«Tem a certeza absoluta dessa informação?» perguntou Cristina, poisando a caneta com uma lentidão calculada, sem olhar para a mancha negra.

«A Judiciária de Aveiro já lá está. O mestre do *ferry* disse que encontraram o blusão azul do menino.»

«Muito bem.» A médica levantou-se, alisando a bata branca com ambas as mãos. «Cancele as minhas consultas todas da tarde. Transfira as urgências para o colega do turno seguinte.»

«Mas… porquê? A doutora está bem?»

«Porque tem de ser. Estou perfeitamente, enfermeira. Pode retirar-se.»

Quando a porta se fechou com um clique, Cristina caminhou até à janela do gabinete, que dava para o parque de estacionamento alcatroado do centro de saúde. As mãos dela, sempre tão firmes no bloco operatório e nas suturas difíceis, começaram a tremer de forma quase impercetível.

A ferida «infectada» daquela vila, que todos achavam estar cauterizada pelo tempo, acabava de rebentar perante os olhos de todos. Vinte anos de uma espera silenciosa desfaziam-se agora debaixo da areia molhada. Cristina tocou no vidro frio da janela. A respiração dela embaciou a superfície.

O diagnóstico daquela situação estava feito. A pacata comunidade de São Jacinto ia colapsar sobre si mesma nas próximas horas. O luto ia devorar tudo e todos se alguém não tomasse as rédeas da narrativa. A cirurgia ia ser arriscada, dolorosa e definitiva, mas Cristina sabia que era a única forma de estancar a hemorragia que se avizinhava.

A médica despiu a bata branca, dobrando-a metodicamente e pousando-a sobre as costas da cadeira. Vestiu o seu impermeável bege, abotoou-o até ao pescoço para travar o frio que a esperava na rua, e apagou a luz do gabinete.

Do outro lado da vila, na rua dos Pescadores, a casa da professora Lurdes era um santuário de ordem e limpeza implacável.

Não havia pó nas molduras das fotografias a preto e branco, os tapetes estavam alinhados com a geometria dos rodapés e o cheiro a alfazema disfarçava a solidão crónica de uma mulher que nunca casara nem tivera filhos biológicos. Os alunos tinham sido os únicos filhos dela. E a memória de um deles, em particular, era o fantasma que a mantinha acordada a olhar para o teto quase todas as madrugadas.

O seu rádio, sintonizado numa estação local, *Terra Nova*, tocava música popular num volume baixo na cozinha. O locutor interrompeu a emissão bruscamente.

«*Interrompemos a nossa emissão com uma notícia de última hora. As autoridades policiais terão encontrado restos mortais humanos nas dunas de São Jacinto, na sequência do forte temporal que atingiu a região costeira. Fontes não oficiais indicam que poderá tratar-se de Miguel Tavares, a criança desaparecida no grande nevoeiro de 2006. A Polícia Judiciária já assumiu as investigações no local...*»

Lurdes desligou o botão da rádio com um estalo seco.

O silêncio inundou a cozinha de imediato, quebrado apenas pelo tique-taque ritmado do relógio de parede. A velha professora fechou os olhos e agarrou-se ao rebordo do balcão de mármore. A respiração faltou-lhe por um momento. Não havia uma verdadeira surpresa, mas antes a constatação aterradora de que a terra, eventualmente, acaba sempre por vomitar o que não lhe pertence.

Ela caminhou lentamente, arrastando os chinelos, até à casa de banho e abriu a torneira de água quente. Ensaboou as mãos demoradamente, esfregando a pele fina, sulcada e manchada pela idade, com a dedicação obsessiva de quem se prepara para um ritual sagrado. Lavava as mãos como se precisasse de arrancar uma sujidade entranhada muito abaixo da derme.

Depois, dirigiu-se ao quarto. Abriu o guarda-roupa de madeira de castanho.

Não ia apresentar-se lá fora como uma velha senil, amedrontada ou frágil perante a intempérie. Uma educadora nunca foge perante a adversidade da sua terra. Vestiu a sua melhor saia de lã

travada. Calçou meias de vidro espessas. Escolheu a blusa imaculadamente branca e apertou um fio de ouro fino ao pescoço, de frente para o espelho. As rugas profundas no seu rosto eram o mapa perfeito de uma dor calada e envelhecida.

Agarrou na bengala de castanho, saiu de casa e trancou a porta. Olhou para a rua deserta, engolida pela névoa fria que começava a subir da ria.

Respirou fundo e começou a caminhar na direção do posto da Guarda Nacional Republicana. Alguém tinha de carregar o peso daquela vila.

CAPÍTULO 4

Quando o jipe descaracterizado da Polícia Judiciária travou à porta do posto da GNR de São Jacinto, a chuva miudinha já tinha recomeçado a cair. Teresa desligou o motor com um gesto brusco, trazendo ainda na memória o olhar implacável de Rosa Tavares.

A inspetora abriu a porta de vidro da esquadra de rompante, seguida por Vicente. Mas a tranquilidade burocrática que esperava encontrar lá dentro tinha evaporado.

Na pequena receção, o jovem guarda estava de pé, encostado à parede, com os olhos arregalados de pânico. À frente dele, agarrado ao balcão de atendimento como um náufrago a uma tábua de salvação, estava um homem encharcado, a tremer dos pés à cabeça.

«Senhora inspetora...» balbuciou o guarda militar, apontando a medo para o indivíduo. «Este homem invadiu o posto há dois minutos e não para de gritar.»

O homem virou-se para Teresa. Tinha as roupas sujas, o cabelo colado à testa e um cheiro nauseabundo a vinho azedo e a maresia entranhado na pele. As lágrimas escorriam-lhe pela barba rala e grisalha.

«Fui eu», soluçou o pescador, a voz a sair-lhe num raspar de pedras molhadas, erguendo as mãos calejadas na direção dela. «Fui eu que matei o menino dos Tavares. A areia não o segurou. Prendam-me, por amor de Deus!»

A confissão de João pairou no ar estagnado da esquadra, pesada e irreal.

Teresa recuou um milímetro, a mente analítica a tentar processar a gravidade daquelas palavras através do filtro do cinismo que as ruas de Lisboa lhe tinham cravado na pele. Um homem destruído pelo álcool e pelas penhoras a confessar o crime mais mediático da região, precisamente no dia em que a sua vida financeira

colapsava de vez, cheirava a um pedido de socorro desesperado. Uma cama quente, três refeições diárias e um teto numa prisão central podiam parecer um paraíso burocrático para quem já não tinha onde cair morto.

Ela abriu a boca para lhe pedir que se sentasse. Ia ditar-lhe os direitos com a formalidade fria que reservava aos loucos de rua e aos falsos profetas que, de vez em quando, tentavam roubar o protagonismo das tragédias alheias.

Mas um som deteve-a.

Um copo de plástico a ser esmagado.

Teresa desviou o olhar para o corredor. Vicente tinha esmagado o copo de água que acabara de tirar da máquina com a mão direita. A água escorria-lhe pelos dedos pálidos e pingava no linóleo gasto, formando uma pequena poça junto aos seus sapatos. O psicólogo não olhava para o pescador bêbado. Estava ao telemóvel. Incrédulo com aquilo que acabara de ouvir diretamente da receção do posto. O seu olhar estava cravado no vidro molhado da janela da esquadra, que dava diretamente para a rua do meio, a principal de São Jacinto.

«Teresa», sussurrou Vicente. Havia algo na voz dele, uma nota de estupefação crua, um desvio tão grande do seu habitual controlo académico que fez a inspetora esquecer o pescador e avançar de imediato. «Vem ver isto.»

Ela contornou a secretária, deixando João plantado a tremer no meio da sala, e caminhou apressadamente até à janela. Uma cortina de agulhas frias esbatia os contornos dos edifícios do outro lado da estrada.

Lá fora, debaixo daquela intempérie cinzenta, o passeio esburacado albergava uma visão irreal.

«Dizem que todos eles querem entrar para confessar o crime», partilhou Vicente com Teresa, ainda estupefacto com aquilo que acabara de ouvir.

O Padre Elias estava de pé junto ao lancil, com o seu guarda-chuva preto aberto e a batina encharcada nas pontas a colar-se-lhe

às pernas. Atrás dele, a dois metros de distância, estava a doutora Cristina, a médica do centro de saúde da vila, com o seu impermeável bege abotoado até ao pescoço e os braços cruzados sobre o peito, o rosto erguido desafiando a chuva. E, uns metros mais atrás, caminhando devagar na direção da porta de vidro da esquadra, vinha Lurdes, a antiga professora primária, amparada à sua bengala de castanho, os sapatos ortopédicos a pisarem as poças escuras com uma lentidão solene.

Nenhum deles falava com o outro. Não trocavam olhares. Estavam simplesmente ali, numa procissão estática e silenciosa, ensopados pela intempérie, à espera da sua vez para entrar. Pareciam fantasmas convocados pelo som do mar, dispostos em fila indiana para a guilhotina.

«Isto é um delírio coletivo», murmurou Vicente, limpando a mão molhada às calças de fazenda, o cérebro treinado a tentar encaixar aquela anomalia num qualquer padrão psiquiátrico conhecido. «Uma histeria induzida pelo trauma. As pessoas viram os nossos carros a contornar a reserva, os boatos espalharam-se pelo *ferry*, perceberam que o corpo tinha sido encontrado e as memórias reprimidas misturaram-se com a necessidade de punição de uma comunidade doente.»

«Admito que não estou a conseguir entender o que se está a passar...» Teresa colou a testa ao vidro frio, os olhos fixos na figura rígida da doutora Cristina. A médica parecia olhar diretamente para a janela, desafiando a polícia. «Isso não é histeria, Vicente. É conhecimento material e tátil do caso.»

«Existe alguma ligação entre eles os três?»

«É o que vamos descobrir.» Teresa virou costas à janela. A exaustão daquela manhã tinha sido subitamente substituída por uma injeção letal de adrenalina. A caçadora acabava de farejar o sangue. «Guarda!»

O jovem militar da GNR endireitou-se de um salto, batendo com a bota no balcão.

«Coloque este homem na cela de detenção temporária. Não o tranque a sete chaves, não o trate como um preso perigoso, mas não o deixe sair por nada deste mundo», ordenou Teresa, apontando para o pescador João, que continuava a olhar para o chão, alheio à movimentação à sua volta. «Depois, mande entrar as três pessoas que estão lá fora à chuva. Coloque o padre na copa e a professora na sala de apoio. Todos em isolamento visual e auditivo rigoroso uns dos outros. Ninguém fala com ninguém. Ninguém troca um único olhar. Fui clara?»

«Sim, senhora inspetora.»

O espaço exíguo do posto da GNR de São Jacinto não estava minimamente preparado para acomodar um milagre estatístico, muito menos uma aberração jurídica daquelas dimensões. Havia apenas uma sala de interrogatórios digna desse nome no final do corredor: um cubículo forrado a cortiça escura, concebido para abafar os gritos dos interrogatórios antigos, com uma mesa de um revestimento plástico, três cadeiras de metal e uma lâmpada fluorescente que zumbia num tom irritante.

«Vamos começar pela doutora Cristina», decidiu Teresa, agarrando no seu bloco de notas grosso e no gravador portátil com ferocidade. «Uma médica com o estatuto dela não vem a uma esquadra confessar um homicídio de ânimo leve. Ela tem mais a perder do que todos os outros juntos. Tem o respeito da vila e uma pensão confortável.»

Quando entraram na sala de interrogatórios, Cristina já lá estava.

A médica aguardava-os sentada com as costas invulgarmente direitas, as mãos repousadas sobre a mesa, uma sobre a outra, num gesto de paciência aristocrática. A água da chuva ainda lhe pingava do impermeável para o chão de linóleo, mas ela não parecia notar o frio. O rosto dela era uma máscara de pedra.

Teresa sentou-se à frente dela e ligou o gravador com um clique seco. A pequena luz vermelha acendeu-se, minúscula e acusatória, no centro da mesa.

«Doutora Cristina», começou Teresa. A inspetora esforçou-se por manter a voz neutra e profissional, tentando não transparecer o caos absoluto que fervilhava do lado de fora daquela porta de cortiça. «A senhora apresentou-se hoje neste posto, pelas dezasseis horas e vinte minutos, alegando ter informações sobre os restos mortais não identificados encontrados esta manhã nas dunas da Reserva Natural. Confirma?»

«O corpo é do Miguel. O pequeno filho da Rosa Tavares», respondeu a médica. A dicção era cristalina, cada sílaba recortada com precisão cirúrgica, sem um único pingo de hesitação na laringe. «E eu não venho dar informações genéricas à Judiciária, inspetora. Venho entregar-me formalmente.»

Vicente puxou a terceira cadeira e sentou-se ao lado de Teresa, apoiando os cotovelos na mesa, invadindo ligeiramente o espaço vital da suspeita.

«Entregar-se porquê, Cristina?» perguntou o psicólogo, usando propositadamente o primeiro nome da médica para forçar uma intimidade desconfortável, tentando quebrar a autoridade inata que aquela mulher emanava.

«Porque fui eu que o matei.» Ela olhou diretamente para a luz vermelha do gravador, como se quisesse garantir que a máquina captava cada detalhe e cada vírgula da sua ruína pessoal. «No dia vinte e quatro de novembro de dois mil e seis. Durante a tarde.»

Teresa cruzou os braços sobre o peito. A mente da inspetora recuou duas décadas, folheando mentalmente as centenas de páginas do inquérito original que tinha devorado nas suas noites de insónia em Aveiro.

«O relatório oficial da polícia dita que ele desapareceu a caminho de casa, num dia de nevoeiro cerrado, algures entre a escola primária velha e os muros altos do Regimento de Infantaria Dez», contrapôs Teresa, testando os limites da mentira. «Foi aí que a senhora o encontrou?»

«Exatamente aí», confirmou Cristina, assentindo de forma lenta e compreensiva, como quem valida o sintoma de um pa-

ciente. «Eu vinha de um turno duplo e exaustivo no centro de saúde. O nevoeiro era tão espesso, tão denso, que eu conduzia o meu carro a vinte quilómetros por hora. Encontrei o pequeno Miguel encostado ao muro de cimento do quartel. Ele estava a ter um ataque de asma severo.»

Teresa não se moveu, mas por dentro, o seu cérebro de detetive aplaudiu a manobra. O Miguel sofria de episódios asmáticos na infância. Era um facto público, amplamente divulgado nos jornais da época e nos cartazes de desaparecimento para alertar quem o pudesse ter acolhido em casa. A médica estava a ancorar a sua confissão letal num porto seguro de factos médicos irrefutáveis.

«Eu travei o meu carro a fundo», continuou Cristina, a voz mantendo um timbre clínico, completamente desprovida de lágrimas, soluços ou remorsos visíveis. «O menino estava a ficar cianótico. A sufocar rapidamente. Eu tinha a minha mala de emergência médica no porta-bagagens, uma precaução que mantenho até hoje. Fui buscar uma ampola de corticoide e broncodilatador para lhe administrar ali mesmo, na berma da estrada suja, por via intravenosa.»

A médica fez uma pausa. Foi uma suspensão calculada, o compasso de espera dramático de um maestro antes de desferir o acorde fatal.

«Mas eu estava fisicamente exausta, inspetora. A minha visão estava turva pela falta de sono e pela neblina. Enganei-me na ampola. As embalagens de vidro eram quase idênticas no escuro da bagageira. Em vez do corticoide salvador, dei-lhe uma injeção direta de cloreto de potássio. Uma dose letal e maciça que eu trazia na mala porque ia eutanasiar o cão de um vizinho com cancro terminal ao fim do dia.» Cristina desviou o olhar do gravador e fixou-o diretamente nos olhos cinzentos de Teresa. «O coração daquele menino parou de bater nas minhas mãos em menos de sessenta segundos.»

«Uma paragem cardíaca induzida», murmurou Vicente, escrutinando a fisionomia da médica. O batimento cardíaco dela, visível na artéria carótida do pescoço, estava assustadoramente calmo,

compassado a cerca de sessenta batimentos por minuto. O ritmo de quem diz a verdade... ou de um psicopata.

«E em vez de chamar imediatamente o INEM, de pedir ajuda aos militares do quartel ali ao lado, ou de tentar a reanimação com o desfibrilhador que de certeza tinha no centro de saúde a dois minutos dali, a senhora escolheu escondê-lo?» Teresa descruzou os braços e inclinou-se sobre a mesa, encurtando a distância, deixando a raiva do seu próprio passado tingir-lhe a voz. «Eu estive na sala da Rosa Tavares há uma hora, doutora. Eu vi o que o seu erro fez àquela mulher. A senhora deixou uma mãe à espera na varanda durante vinte anos por causa de um erro médico e da sua própria cobardia?»

A menção a Rosa Tavares provocou um ligeiro apertar nos maxilares da médica, mas a voz dela manteve-se gélida.

«Um erro médico daquela magnitude não era apenas o fim da minha carreira, inspetora. Tirava-me a licença, atirava-me para a cadeia por negligência grosseira com resultado de morte, e destruía de forma irreversível a vida do meu próprio filho. O meu Rui tinha na altura exatamente a mesma idade do Miguel», explicou Cristina, destilando uma lógica de sobrevivência que roçava a sociopatia evolutiva. «Eu tinha de proteger o meu sangue. O nevoeiro encobriu o meu pecado. Ninguém me viu encostar o carro junto ao quartel militar. Ninguém ouviu nada. Eu peguei no corpo ainda quente do Miguel, coloquei-o na bagageira, conduzi até à estrada de terra batida que dá acesso às dunas velhas da reserva e, quando anoiteceu de vez, cavei. Sozinha, com as minhas próprias mãos.»

Teresa recostou-se e deixou o silêncio instalar-se. Era uma técnica elementar e brutal de interrogatório psicológico: o desconforto do vazio sonoro obriga habitualmente o mentiroso a preenchê-lo com palavras soltas, com justificações morais, enredando-se na própria teia e fornecendo detalhes contraditórios.

Mas Cristina não cedeu à pressão. Manteve-se impassível no seu lado da mesa, suportando o silêncio claustrofóbico com a dignidade de uma estátua. Ela estava preparada para aquela dança.

«Há um problema muito grave com a sua confissão, doutora», disse Teresa, baixando subitamente o tom de voz para um quase sussurro, transformando a sala num confessionário sombrio. Era o momento de lançar o isco forense. A armadilha anatómica. «A senhora estudou anatomia. É médica. Sabe perfeitamente o que acontece à estrutura óssea de um ser humano ao fim de vinte anos debaixo da areia alcalina, humedecida e protegida pelo sal do mar.»

«O osso fica preservado», respondeu Cristina, neutra, respondendo à pergunta como se estivesse num exame oral da faculdade de medicina.

«Exatamente. Fica preservado como um livro aberto para os nossos peritos.» Teresa sorriu pela primeira vez, um esgar frio e predatório, mentindo por omissão ao esconder as cartas finais que ainda aguardavam de Coimbra. «E o esqueleto que a maré desenterrou hoje não apresenta, de todo, sinais compatíveis com uma paragem cardíaca pacífica num leito macio de areia. Há trauma físico visível e grave a olho nu. O crânio do menino está afundado. O osso occipital estalou como uma casca de noz. A senhora espancou a criança antes da injeção?»

Pela primeira vez em todo o interrogatório, os olhos da médica moveram-se rapidamente, numa fraqueza indisfarçável. Saltaram da luz do gravador para os olhos de Vicente, procurando o comportamento do psicólogo, e depois fixaram-se em Teresa. Foi uma microexpressão de surpresa absoluta, uma falha na armadura de invencibilidade que durou meros milissegundos.

Mas a recuperação daquela mulher foi magistral. Assombrosa.

«O terreno nas dunas cedeu enquanto eu o enterrava», explicou Cristina num fôlego calmo. O tom dela tornou-se apenas ligeiramente mais sinistro, como se estivesse a descrever um sintoma pós-operatório infeliz numa junta médica do hospital. «Uma pedra pesada, solta da contenção marítima antiga, caiu-lhe em cima da cabeça no fundo da cova quando eu atirava a areia. Eu ouvi perfeitamente o osso estalar sob o peso do granito. Foi um som hor-

rível. Mas garanto-lhe, inspetora... a minha injeção foi eficaz. O menino já estava morto quando a pedra lhe esmagou a cabeça.»

Vicente recostou-se na cadeira de metal com uma lentidão maravilhada. A explicação era fisicamente rebuscada, provável apenas numa em cada milhão de probabilidades geológicas, mas era anatomicamente justificável perante um painel de juízes num tribunal se não houvesse mais provas periciais conclusivas a contradizê-la.

A doutora Cristina tinha absorvido a nova informação surpresa, calculado os riscos e integrado a racha no osso na sua narrativa num espaço de três segundos, sem destruir a fundação cronológica da sua mentira original. Não era o pânico suado de um culpado encurralado que procura desculpas no ar: era a ginástica mental de alta competição de alguém que construiu e vestiu um colete de forças jurídico à prova de bala.

«Muito bem, doutora», suspirou Teresa, estendendo a mão e desligando o gravador. A luz vermelha apagou-se, devolvendo a sala às sombras. «Fique aqui sentada. Não fale com ninguém. Temos outras... conversas a fazer esta tarde.»

No corredor mal iluminado, a vinte metros de distância da porta de cortiça, Teresa encostou-se à parede descascada e olhou para Vicente. A exaustão daquela manhã tinha regressado subitamente, cobrando o dobro do peso nos ombros da inspetora.

«Ela adaptou-se à fratura craniana mais rápido do que o advogado de defesa mais caro de Lisboa faria», sussurrou Teresa, massajando a ponte do nariz.

«A sintaxe do discurso dela nunca se alterou. Foi brilhante», confirmou o psicólogo. Havia um brilho de deslumbramento mórbido no olhar de Vicente. Ele tirou os óculos para limpar as lentes na gravata de seda, um gesto que usava sempre que o seu cérebro atingia a velocidade máxima. «Não reparaste na construção frásica, Teresa? Não há verbos de dúvida no discurso dela. Não usa o 'talvez', o 'acho que', o 'não me recordo bem'. Não há gaguez estrutural. Ela relatou a eutanásia forçada e a ocultação do cadáver de uma

criança de sete anos com a exata cadência e métrica silábica com que passa uma receita de amoxicilina no centro de saúde.»

«Ela está a mentir-nos na cara, Vicente. A história do ataque de asma e da injeção fatal é um guião, é demasiado limpa e conveniente para ser real.»

«Absolutamente. É uma fábula médica. Mas é uma mentira legalmente imaculada», avisou o psicólogo forense, recolocando os óculos e fixando o olhar apreensivo na porta fechada da copa da GNR, onde o padre da vila aguardava em silêncio debaixo da batina molhada. «O que me aterroriza verdadeiramente neste momento, Teresa, é saber se os outros três decoraram exatamente a mesma pauta rítmica que ela. Porque se assim for... nós não temos um caso criminal para apresentar. Nós temos um muro de pedra e silêncio.»

CAPÍTULO 5

A copa do posto da GNR de São Jacinto era um anexo sem janelas para o exterior, iluminado apenas por uma calha de luz amarela de muita fraca incidência. O espaço cheirava a lixívia barata, a humidade entranhada no estuque amarelo e ao fundo amargo e queimado da máquina de café industrial que abastecia os turnos da noite.

O Padre Elias estava sentado num banco alto, junto ao balcão de madeira descascado.

A sua batina escura, pesada e empapada pela chuva da tarde, formava uma pequena poça de água suja à volta das velhas botas de cabedal. Elias não era um homem imponente. Tinha ombros estreitos e descaídos, o cabelo ralo colado muito curtinho e uma palidez de cera que parecia permanente, como se vivesse há décadas privado da luz do sol, fechado nas catacumbas da sua própria consciência.

Nas mãos ossudas e pálidas, o clérigo segurava um terço de madeira de oliveira. Os seus dedos corriam as contas com uma lentidão mecânica, mas os lábios não se moviam. Há muito tempo que Elias deixara de rezar a Deus para pedir absolvição: agora, rezava apenas para ter a força de mentir com a convicção de um santo.

A porta da copa abriu-se com um rangido metálico.

Quando Teresa e Vicente entraram, Elias não se levantou. Limitou-se a baixar a cabeça num gesto de contrição profunda, uma imagem de submissão que tresandava a um ensaio repetido mil vezes em frente ao espelho poeirento da sacristia.

Teresa encostou a porta com suavidade, rodando o trinco. Decidiu não colocar o gravador em cima do balcão de imediato, deixando o aparelho no bolso do sobretudo. Queria que o ambiente parecesse

menos um interrogatório policial e mais um confessionário às avessas, um espaço onde o clérigo sentisse o peso do isolamento.

«Padre Elias», começou a inspetora, parando a pouco mais de um metro de distância do homem. A voz dela era um sussurro cortante. «A doutora Cristina acaba de me confessar, naquela sala ao fundo do corredor, que matou o menino Miguel em dois mil e seis devido a um erro médico letal com uma injeção. Presumo que o senhor esteja aqui na esquadra apenas para oferecer apoio espiritual à comunidade, agora que a verdade finalmente veio ao de cima.»

O padre parou de rodar as contas do terço e levantou lentamente o olhar. Os olhos dele eram de um azul deslavado, aquosos, quase transparentes, idênticos à cor da Ria de Aveiro naqueles dias de tempestade em que a água parece não ter fundo nem margens.

«A Cristina é uma alma atormentada, inspetora. Uma mentirosa caridosa, mas uma alma em profundo sofrimento», disse Elias. A voz dele era suave, aveludada, polida por anos de homilias na pequena igreja da matriz, projetada para ecoar nas naves e confortar as velhas viúvas de luto. «Ela está a tentar proteger-me com essa história absurda. Como todos os outros que estão lá fora à vossa espera.»

Teresa sentiu um arrepio gélido na base do pescoço, mas não recuou. O jogo estava a ficar exponencialmente mais complexo e perverso do que ela imaginara quando saíra da capital. Aquelas pessoas não se limitavam a confessar individualmente num ato de histeria isolada. Estavam a sobrepor as confissões, reconhecendo explicitamente a presença e a mentira uns dos outros, criando uma barreira de proteção mútua indestrutível.

«Proteger de quê, padre?» interveio Vicente, aproximando-se do balcão. O psicólogo cruzou os braços, analisando a postura, a respiração e a dilatação pupilar do homem com a precisão de quem disseca um inseto no laboratório.

«Do meu pecado.» Elias juntou as pontas dos dedos pálidos sobre o balcão. «Fui eu que tirei a vida ao pequeno Miguel. O re-

banho protege sempre o seu pastor, mesmo quando percebe, tarde demais, que o pastor é o verdadeiro lobo.»

Teresa apoiou as duas mãos no balcão, inclinando-se para a frente, forçando Elias a olhar diretamente para o cinzento dos seus olhos.

«Então tenha a bondade de me contar a sua versão do pecado, senhor padre.»

«Foi na tarde de vinte e quatro de novembro», iniciou o padre, fechando os olhos como se a memória gráfica lhe doesse fisicamente na retina. «O nevoeiro daquela sexta-feira estava tão cerrado que engolia as casas, os postes e as árvores. Eu vinha da Torreira, do outro lado da península, a conduzir o meu carro velho pela Estrada Nacional trezentos e vinte e sete. É uma reta traiçoeira, ladeada por pinhal bravo de ambos os lados, sem passeios nem bermas seguras. Eu estava muito atrasado para a catequese das quatro da tarde. Conduzia a mais de cem quilómetros por hora, uma imprudência absolutamente fatal para aquelas condições de visibilidade quase nula.»

Teresa visualizou a EN327 quase instantaneamente. Conhecera a estrada mal chegou a Aveiro. Eram quilómetros de asfalto plano a rasgar a península ao meio, um túnel de árvores escuras onde a névoa marítima se agarrava aos troncos como algodão molhado. Era um cenário perfeitamente plausível e assustadoramente comum para um atropelamento. Muito mais plausível, à primeira vista, do que a história do ataque de asma à porta de um quartel fortemente vigiado que a médica acabara de lhe vender.

«O menino saltou do meio do pinhal para o alcatrão a correr, perto da zona de fronteira com a Reserva Natural», continuou o padre, a respiração a acelerar de forma meticulosamente controlada. «O embate foi violento. Surdo. Senti o choque subir pela coluna de direção até ao volante. O capô do meu carro amolgou de imediato. Eu travei a fundo, o carro derrapou. Saí para a estrada a tremer e corri para ele. Ele foi projetado vários metros. Bateu com a cabeça no asfalto molhado. Tinha o crânio fraturado, inspetora.

A racha era visível. O sangue escuro escorria-lhe abundantemente para a orelha esquerda e espalhava-se pelo alcatrão. Morreu ali, instantaneamente, aos meus pés.»

Vicente e Teresa trocaram um olhar denso, invisível para o clérigo que continuava de olhos fechados.

A fratura craniana. A doutora Cristina justificara a fenda no osso com a infeliz queda de uma pedra de contenção marítima diretamente na cova. O padre Elias acabara de a integrar de forma orgânica e estrutural como a causa primária da morte pelo embate brutal no asfalto. Ambos justificavam e explicavam o relatório pericial que só a Judiciária conhecia e que a comunicação social ainda ignorava.

«Se o atropelou acidentalmente, num dia de nevoeiro cerrado, cometendo homicídio por negligência, por que não chamou o INEM?» A agressividade na voz de Teresa não era, desta vez, uma tática de interrogatório. A ideia de um homem de fé, um líder moral, a arrastar o corpo sangrento de uma criança enojava-a profundamente. Acordava nela a náusea dos casos não resolvidos de Lisboa. «Por que é que o agarrou, o levou para as dunas e o enterrou como se fosse um animal de rua atropelado?»

«Cobardia», respondeu Elias, abrindo finalmente os olhos. Havia lágrimas neles, espessas e brilhantes. Teresa interrogou-se, com um asco palpável, se aquelas lágrimas seriam verdadeiras ou apenas o subproduto bem ensaiado de um homem habituado a chorar a pedido nos funerais alheios. «Fui fraco e miserável. A minha paróquia ia ruir. O escândalo mediático e social seria colossal. Um padre, o confessor daquelas pessoas, assassino de crianças na estrada... a fé daquela gente simples morreria comigo naquele dia. O mal ia vencer. Eu envolvi o menino numa manta velha e suja que tinha na bagageira, limpei o sangue da estrada a correr com água das poças e enterrei-o num buraco fundo onde rezei, a todos os santos, para que nunca fosse encontrado.»

«E o seu carro?» Vicente interpelou-o, quebrando a ladainha religiosa com um tom puramente analítico, dissecando a mecânica

logística da mentira. «O capô amolgado e manchado de sangue de que acabou de falar. Ninguém em São Jacinto reparou que o carro do pároco estava misteriosamente desfeito de um dia para o outro?»

«Eu disse na altura aos paroquianos que tinha batido num javali na mata a caminho de Aveiro. É um acidente frequente naquelas retas. Paguei o conserto do meu bolso, em dinheiro vivo e sem fatura, a um mecânico velho de Ílhavo. O homem faleceu de ataque cardíaco fulminante no ano passado. Posso dar-vos o nome e a morada da oficina mas garanto-lhe que não encontrarão registos em papel.»

A precisão cirúrgica de cada detalhe, a antecipação astuta de cada potencial furo processual na história, deixava Teresa fisicamente maldisposta. A estrutura retórica era absolutamente idêntica à da doutora Cristina. Apresentavam a premissa da culpa; justificavam a monstruosidade da ocultação do cadáver com a preservação de um «bem maior» ou do seu papel basilar na comunidade; integravam a prova física inegável da fratura craniana; e, num golpe final de génio jurídico, blindavam a confissão destruindo ativamente os rastos materiais: os arquivos mortos da médica, o mecânico convenientemente falecido do padre.

«Sabe o que mais me incomoda na sua história, padre Elias?» Teresa afastou-se do balcão, caminhando lentamente pela pequena copa, o som dos seus saltos a ecoar na cerâmica gasta. Parou a poucos centímetros do rosto dele. «É a dona Rosa.»

Elias piscou os olhos de forma descontrolada, subitamente tenso. O nome da mãe do menino parecia pesar muito mais do que o nome de Deus ou do demónio naquela pequena sala.

«Eu e o doutor Vicente estivemos na sala da casa dela esta manhã. Eu vi o buraco onde antes existia o casquilho da luz do alpendre.» A inspetora prosseguiu, a voz a engrossar com a indignação acumulada, apontando-lhe o dedo ao peito. «Eu li os recortes de jornal da época e os autos da GNR. A Rosa Tavares passou meses a fio a bater às portas de São Jacinto, a percorrer a ria

gelada de barco com os pescadores locais, a vasculhar os esgotos da base militar ao lado de cães pisteiros. A mulher definhou a olhos vistos. E o senhor... o senhor, como pároco, estava lá o tempo todo, mesmo ao lado dela.»

«O meu dever e a minha cruz era confortar o rebanho ferido», sussurrou Elias, a voz aveludada a falhar e a rasgar pela primeira vez desde que entrara na esquadra.

«O senhor celebrou as vigílias!» Teresa levantou a voz, um grito contido que ressoou contra os azulejos da copa. «O senhor deu a mão àquela mãe desesperada. Disse-lhe que Deus tinha um plano inescrutável. O senhor rezou missas para que o menino aparecesse são e salvo, tudo isto enquanto sabia que os ossos da criança estavam a apodrecer debaixo de areia a um quilómetro da porta da sua igreja, porque o senhor os tinha posto lá! A médica lá fora foi fria na mentira dela, Elias. Mas a sua história... a sua justificação, se for verdadeira, é doentia. É puro sadismo.»

O clérigo baixou a cabeça até o queixo magro tocar no peito da batina preta. O corpo dele estremeceu, um tremor real e incontrolável.

«O peso desse remorso diário é a minha verdadeira penitência terrena, inspetora Teresa. A Rosa... a dor da Rosa foi a minha coroa de espinhos nestes últimos vinte anos. Cada vez que ela vinha ao meu confessionário expor a sua falta de esperança, confessar que já não acreditava em Deus, eu sentia o fogo do Inferno a queimar-me a língua. Eu sou um monstro. Peço, suplico-lhe, que me prenda agora mesmo. Sou eu o cordeiro manchado desta terra.»

Quando Teresa finalmente virou costas, rodou o trinco e fechou a porta da copa, deixando o padre entregue ao escuro e ao seu silêncio molhado, encostou-se pesadamente à parede do corredor exterior. A humidade de São Jacinto parecia agora ter-se infiltrado nas fundações do próprio edifício, instalando-se-lhe nos pulmões. O peito dela subia e descia a um ritmo acelerado, exausta do embate psicológico.

Vicente saiu logo atrás dela e encostou-se à parede em frente, despindo o casaco de fazenda, sentindo o suor frio no colarinho da camisa.

«A doutora Cristina deu-nos uma paragem cardíaca acidental com a fratura craniana a justificar-se a *posteriori*, devido a uma pedra na cova. O padre deu-nos a fratura craniana como causa direta de morte no atropelamento», resumiu o psicólogo forense, recuperando a frieza académica de quem resolve uma equação matemática insolúvel. «Eles não estão apenas a confessar crimes diferentes com arrependimento, Teresa. Estão a fornecer ao Ministério Público dois cenários totalmente incompatíveis com a física e com o espaço-tempo, que se vão anular mutuamente em tribunal perante o mesmo corpo de delito.»

«É um xadrez defensivo perfeito», admitiu ela, fechando os olhos e massajando as têmporas pulsantes.

«É mais do que perfeito. É invulnerável», corrigiu Vicente, batendo com os nós dos dedos na parede. «Se tivermos quatro pessoas da mesma vila a confessar o exato mesmo homicídio de há vinte anos, de formas materialmente diferentes, sem uma única testemunha ocular do crime original e sem provas materiais irrefutáveis que apontem apenas para um deles... qualquer advogado de defesa recém-licenciado usa as outras confissões para criar uma 'dúvida razoável' colossal no espírito de um juiz ou de um júri. O código penal diz *in dubio pro reo*. Na dúvida, a favor do réu. O juiz terá de os libertar e absolver a todos.»

Teresa abriu os olhos e olhou para a porta trancada da cela de detenção temporária, no final do corredor à direita. Onde João, o pescador arruinado e trémulo, aguardava sozinho, separado do padre e da médica.

«O padre Elias e a doutora Cristina são pessoas com formação superior. Estudaram, leram os clássicos, sabem articular argumentos lógicos. Tiveram vinte anos para desenhar, pensar e polir este labirinto legal», disse a inspetora, a determinação férrea a sobrepor-se à fadiga do dia. «Mas o João não é como eles. O pescador é

instável. Tem problemas severos com o alcoolismo que lhe corroeram o discernimento. Ele não tem a capacidade analítica da Cristina nem a lábia teológica do Elias.»

Teresa endireitou a postura, sentindo a dureza do coldre da arma contra a anca, e caminhou em direção à zona das celas.

«Se isto é um coro ensaiado, Vicente, o pescador é a nossa nota desafinada. Vamos quebrar o elo mais fraco desta corrente.»

CAPÍTULO 6

A cela de detenção temporária do posto da GNR não passava de um quadrado de cimento armado com uma pesada porta de grades ferrugentas. Tinha sido concebida originalmente para abrigar os arruaceiros e os marinheiros das tabernas do porto até lhes passar a bebedeira das madrugadas de sábado. O ar lá dentro era estagnado e espesso, uma mistura enjoativa e triste de suor frio, urina antiga incrustada nas juntas da pedra e maresia rançosa. A única luz provinha de uma lâmpada fraca no teto do corredor exterior, que lançava sombras compridas e afiadas sobre o chão descascado da cela.

João estava sentado no banco corrido de pedra encostado à parede do fundo.

Tinha os cotovelos apoiados nos joelhos e a cabeça pesada entre as mãos grossas. A trepidação das suas pernas era tão violenta e ininterrupta que fazia vibrar, num tilintar metálico, o molho de chaves pendurado no cinto que trazia. O pescador não era apenas um homem encurralado pela polícia, era um homem a quem tinham acabado de tirar a última tábua de salvação na lota. Sem o seu barco, João já não existia.

Quando Teresa e Vicente se aproximaram, os passos a ecoar na pedra, o guarda afastou-se para trás com um aceno militar silencioso e tenso.

A inspetora não se deu ao trabalho de pedir a João que passasse para a sala formal de interrogatórios forrada a cortiça. Queria-o exatamente ali, no seu próprio elemento de fragilidade máxima, longe do conforto relativo de uma cadeira estofada e de uma mesa de onde pudesse esconder as mãos a tremer.

«João.» Teresa parou do outro lado da grade, envolvendo os ferros frios com os dedos. A voz dela cortou o silêncio da cela. «Acabei de ouvir a doutora Cristina e o Padre Elias.»

O pescador não levantou a cabeça. O tremor nas pernas aumentou ligeiramente, fazendo os sapatos velhos rasparem no cimento.

«A médica diz-me, com toda a frieza do mundo, que o matou com uma injeção letal à porta do quartel militar de infantaria», continuou a inspetora, atirando as palavras para dentro da cela como se fossem pedras pesadas. «O vosso padre jura, a chorar lágrimas de crocodilo, que o atropelou na Nacional trezentos e vinte e sete e limpou o sangue do alcatrão com as próprias mãos. Vai dizer-me que também estava lá com eles? Que mataram o menino os três ao mesmo tempo num complô diabólico?»

João levantou o rosto.

Os olhos dele estavam submersos em lágrimas grossas e turvas, o rosto desfigurado por um esgar de sofrimento absoluto que nenhuma escola de teatro do mundo conseguiria replicar. Ele levantou-se num solavanco brusco, atirando o próprio corpo contra as grades com um baque surdo que fez Teresa recuar meio passo por instinto, o coração a dar um solavanco repentino no peito.

«Eles são uns mentirosos!» O grito do pescador rasgou o silêncio do posto, um som gutural, cru e carregado de um ódio cego que cheirava a vinho. As mãos calosas e cheias de cicatrizes agarraram o ferro da cela com tanta força que os nós dos dedos ficaram completamente brancos sob a sujidade entranhada. «Eles são gente fina! Acham que eu sou lixo humano, acham que um pescador bêbado e falido não tem estofo para aguentar a própria cruz até ao fim! Eles estão a tentar roubar-me o meu castigo!»

Vicente aproximou-se da grade, parando ao lado de Teresa. A expressão do psicólogo forense era indecifrável, os olhos fixos na fúria daquele homem despedaçado. O contraste abismal de classes sociais atirado para cima daquela mesa de confissões coletivas era um elemento sociológico fascinante, um estudo de caso que Vicente saboreava no meio do horror.

«Então conte-nos a sua cruz, João», pediu Vicente, com uma suavidade aveludada e letal que contrastava violentamente com a agres-

sividade tática da inspetora. «Como é que um pescador honrado mata o filho de um mestre de embarcação no meio do nevoeiro?»

João encostou a testa suada à grade fria, fechando os olhos. A respiração saía-lhe em jorros ofegantes e irregulares.

«Foi a vinte e quatro de novembro», sussurrou ele, a voz a quebrar-se, recuando àquela tarde maldita de há vinte anos. «O nevoeiro estava tão cerrado que a ria parecia ter engolido a terra toda. Não se via a água a um palmo da cara, só se ouvia o chapinhar contra a pedra do cais. Eu estava muito desesperado naquela tarde. Tinha dívidas acumuladas na lota, o banco ia ficar-me com a porcaria do barco no mês seguinte se eu não pagasse os juros. Fui de fininho para os velhos estaleiros, ali perto da doca seca. Costumava roubar gasóleo com uma mangueira aos arrastões grandes que lá encostavam para manutenção, para poder atestar a minha traineira.»

A história fluía, ancorada exatamente na mesma matriz meteorológica e temporal da médica e do padre, mas era infinitamente mais suja, despida de qualquer verniz de nobreza moral, de fatalidade clínica ou de martírio teológico. Era apenas a miséria humana no seu estado de sobrevivência mais básico e rasteiro.

«Eu estava de cócoras, a puxar a mangueira de um bidão escondido entre dois contentores de carga, quando ouvi uns passinhos na gravilha», continuou o pescador. Os olhos dele, agora esbugalhados, pareciam ver o passado a desenrolar-se no chão imundo daquela cela. «Era o miúdo. O pequeno Miguel. Ele devia ter-se perdido no nevoeiro a caminho de casa e desorientou-se para as bandas do estaleiro. Ele viu-me. Viu-me com a mangueira do gasóleo na mão. Ele conhecia-me. Viu-me a roubar.»

João soluçou, um som oco e animalesco que lhe rasgou a garganta seca.

«O menino assustou-se. Começou a recuar para trás e abriu a boca para desatar a gritar por socorro. Eu entrei em pânico cego. Não podia ir preso por roubo, percebem a minha aflição? Se eu fosse parar à cadeia, a minha família passava fome em casa! Fui atrás dele pelo meio das velharias. Corri. Eu só lhe queria tapar a

boca com as mãos até ele se acalmar e perceber que eu não lhe fazia mal.»

O pescador largou as grades com violência e recuou para o centro da cela, levantando as duas mãos no ar a tremer, como se o fantasma aterrado da criança estivesse ali mesmo no meio deles.

«Eu agarrei-o por trás, a custo. Pus-lhe a mão direita na boca com muita força. O blusão azul-escuro dele escorregava por causa da humidade e da neblina. Ele debateu-se muito... arranhou-me os pulsos todos com as unhas pequenas.» João fechou os olhos com força, apertando-os num esgar de dor física insuportável. «Num puxão muito forte que ele deu para se soltar, tropeçou num cabo de aço grosso que estava abandonado no chão do estaleiro. Caiu para trás de costas. Eu não o larguei a tempo. A cabeça dele... a cabeça dele bateu com toda a violência num cepo de cimento do cais de atracação.»

Teresa sentiu o estômago contrair-se dolorosamente. A azia do café requentado subiu-lhe à garganta. Mais uma vez, a prova física suprema que a polícia detinha — a fratura craniana — era justificada na perfeição. Um erro médico no quartel com uma pedra desabada; um atropelamento brutal no alcatrão da nacional; e agora, um traumatismo craniano contundente num bloco de cimento no meio de um roubo de combustível.

«Ele parou de se debater», murmurou João, as lágrimas grossas a escorrerem-lhe sem qualquer controlo pela barba rala e suja. «Ficou logo mole nos meus braços. Frio.»

«Se foi um acidente fortuito no estaleiro, se não o queria matar de propósito, por que raio pegou no corpo dele, o levou de noite para as dunas velhas e o enterrou como se fosse lixo clandestino?» perguntou Teresa.

Manteve a voz o mais firme e policial que conseguiu, embora a visceralidade daquele homem a estivesse a perturbar de uma forma profunda que os discursos intelectuais do padre e da médica não tinham conseguido atingir. A dor daquele pescador transpirava pelos poros.

João abriu os olhos e olhou diretamente, sem filtros, para a inspetora. O que se seguiu não foi uma desculpa articulada num escritório de advogados. Foi a confissão de um terror primordial puro e duro.

«Porque o crânio dele cedeu, inspetora. Cedeu para dentro.» João ergueu a mão direita trémula à altura do peito, curvando os dedos grossos e sujos como se estivesse, naquele preciso momento, a segurar algo invisível, redondo e macabro. «Quando o levantei do chão de cimento duro, a parte de trás da cabecinha dele... debaixo do cabelo molhado da humidade... parecia um ovo cozido rachado.»

Teresa susteve a respiração.

«Mexia-se contra a minha palma da mão», continuou o pescador, com a voz embargada pela repulsa das suas próprias memórias. «Aquele som... aquele som macio do osso partido a raspar por dentro da pele, nunca mais me saiu da cabeça em vinte anos. O sangue dele era tão escuro que parecia óleo de motor do estaleiro. Eu não podia deixá-lo ali tombado para a mãe dele vir encontrar aquilo e ver a cabeça do filho naquele estado. E eu ia ser linchado no porto pelos outros mestres. Pedi a Deus, a chorar, que me perdoasse a cobardia, meti-o num saco de sarapilheira das redes e levei-o para a praia da reserva às escondidas.»

A descrição gráfica teve o peso brutal de uma âncora a cair diretamente no peito de Teresa.

A inspetora engoliu em seco, recuando meio passo para trás, sentindo-se subitamente sem ar naqueles pulmões acostumados a tanta desgraça. Aquele detalhe anatómico repulsivo: a sensação tátil do crânio desfeito sob o couro cabeludo flexível, o som agoniante do osso parietal a roçar na pele, era impossível de inventar a partir de boatos de café. Só alguém que tivesse pegado de facto no cadáver daquela criança, acabada de morrer em dois mil e seis, poderia descrevê-lo com aquela exatidão grotesca e sensorial.

Vicente manteve-se imóvel. Os olhos do psicólogo estavam semicerrados, fixos nas mãos calejadas do pescador, processando a

informação a uma velocidade estonteante que deitava por terra todas as suas teorias de encenação pura.

«E a pá, João?» perguntou o psicólogo, com uma frieza clínica que pareceu quase desumana àquela hora. «Foi buscar uma pá de ferro a casa para o enterrar nas dunas na escuridão?»

«Cavei com as mãos.» João virou as palmas para eles. Palmas rasgadas por décadas a puxar cordas de nylon e redes de pesca salgadas, agora abertas e coladas contra a grade da prisão. «Até me sangrarem os dedos todos. Cavei até a areia branca de cima ficar escura com a humidade funda do fundo. E depois bebi. Bebi todos os santos dias durante vinte anos para ver se o álcool me fazia esquecer o peso morto daquele miúdo nos meus braços.»

O homem agarrou novamente as barras de ferro verticais, sacudindo-as com a pouca força muscular que ainda lhe restava no corpo destroçado.

«Prendam-me de uma vez! Façam-me o grande favor de me fecharem para sempre num buraco escuro onde eu não oiça a rebentação do mar!»

O pescador escorregou lentamente pelas grades abaixo, deixando as mãos arrastarem-se pelo ferro, até cair de joelhos no chão frio da cela, desatando num choro convulsivo, patético e ruidoso. Já não era um perigoso suspeito de homicídio. Era apenas um farrapo humano, uma carcaça vazia esmagada pelo peso insuportável de duas décadas de silêncio afogado em litros de vinho barato.

Teresa virou costas rapidamente, fisicamente incapaz de continuar a olhar para o abismo daquela miséria.

Caminhou a passos largos, quase a correr, até ao fim do corredor, onde o ar da esquadra não tresandava a sal marinho e a desespero líquido. Encostou a testa ardente à parede de cal branca e fechou os olhos. A respiração saía-lhe descompassada, o trauma de Lisboa a misturar-se com o horror de São Jacinto.

Vicente juntou-se a ela poucos segundos depois. O psicólogo trazia o rosto invulgarmente pálido. A sua habitual e polida máscara académica estava finalmente, e sem retorno, fraturada.

«Este homem foi real, Vicente», sussurrou Teresa, passando as duas mãos trémulas pelo rosto exausto, tentando afastar a imagem tátil do crânio estilhaçado. «O João não é intelectualmente inteligente o suficiente para inventar a textura de uma fratura craniana invisível sob o cabelo da vítima. Ele não tem estofo literário para criar a metáfora horripilante do ovo cozido rachado do nada. Ele tocou naquele menino.»

«Ele tocou no menino. Não há qualquer sombra de dúvida na minha análise», retorquiu Vicente, ajustando os óculos na ponta do nariz com um nervosismo invulgar. A mente brilhante do ex-professor universitário acabava de compreender a verdadeira e aterrorizante dimensão geodésica do labirinto em que se tinham metido. «Mas a doutora Cristina também tocou. E o padre Elias também assumiu a logística da fratura e o toque no cadáver de forma perfeitamente coerente.»

Teresa olhou-o profundamente nos olhos, o desespero de um caso sem resolução a começar a infiltrar-se-lhe na lógica investigativa.

«Todos relataram o mesmo dia, a mesma hora da tarde, as mesmas condições severas de nevoeiro», continuou o psicólogo forense, baixando a voz para que nenhum guarda ouvisse. «Todos eles justificaram a fratura craniana mortal, integrando-a na perfeição nas suas próprias histórias de culpa sem nunca a contrariarem. E todos afirmam perante nós, perentoriamente e de livre vontade, que os outros três colegas de vila estão a mentir descaradamente por piedade, por culpa cristã envenenada ou por pura loucura senil.»

«Isto é impossível, Vicente. O Ministério Público nunca vai conseguir levar nenhum deles a julgamento criminal sem uma prova física adicional e externa que os desminta. Não há arma do crime, não há testemunhas visuais, só temos confissões sobrepostas que se autoanulam violentamente na barra do tribunal.»

«É exatamente esse o objetivo final, Teresa», disse Vicente. A voz do psicólogo estava agora carregada de um assombro maravilhado e apavorado, em igual medida, com a imponente arquitetura

daquele embuste monumental. «Eles não vieram cá hoje à chuva para serem presos e cumprirem pena. Eles não se odeiam. Eles vieram cá para implodir o sistema legal por dentro, como um cavalo de Tróia humano. Eles formaram uma legião romana impenetrável de culpas.»

Teresa cerrou os dentes, sentindo a dor de cabeça pulsar num ritmo rápido e doentio nas têmporas, e olhou pelo corredor comprido para a porta fechada da sala de apoio dos guardas, no lado oposto do edifício.

Era lá que estava a Lurdes, a antiga professora primária de quase oitenta anos e onde aguardava há horas num silêncio rigoroso e disciplinado, amparada à sua bengala de castanho, indiferente ao frio e ao cansaço.

«Falta-nos a professora Lurdes», disse a inspetora, cerrando os maxilares, endireitando a postura e sacudindo o medo. «A mulher que ensinou todos eles a ler e a escrever. Vamos ver que pedra velha é que ela traz no bolso para nos atirar a este muro de mentiras.»

CAPÍTULO 7

A sala de apoio aos guardas, improvisada e requisitada à pressa para aquele último interrogatório da noite, cheirava a cera de chão e, de forma incongruente com o caos exterior, a uma fragrância suave a alfazema. O contraste absoluto com o odor a desespero e suor frio da cela do pescador forçou Teresa a abrandar o passo ao cruzar a ombreira da porta.

Lurdes aguardava-os sentada numa cadeira estofada de costas impecavelmente direitas.

A antiga professora primária mantinha a bengala de castanho repousada sobre os joelhos com a simetria de quem posa para um retrato a óleo. Vestia uma saia de lã travada que lhe cobria os joelhos, meias de vidro espessas e uma blusa branca imaculada, com um fio de ouro fino e discreto a brilhar-lhe no pescoço enrugado. O rosto estava profundamente marcado por rugas, mapeado por manchas senis, mas os olhos, de um castanho opaco e duro, mantinham a autoridade inabalável de quem passou quarenta anos a impor o silêncio a salas cheias de crianças inquietas.

Quando Teresa e Vicente entraram na sala, Lurdes não tremeu. Não chorou, não implorou por compreensão, não desviou o olhar. Não pareceu sequer ligeiramente desconfortável com a presença policial.

«Professora Lurdes.» Teresa sentou-se à frente da mulher, optando, num instinto de respeito que não conseguia refrear, por não ligar a luz vermelha do gravador de imediato. Havia ali uma dignidade antiga que a máquina parecia profanar. «A senhora é a quarta pessoa a sentar-se à minha frente no espaço de poucas horas. Já ouvi versões exaustivas sobre erros médicos fatais, atropelamentos negligentes na estrada nacional e acidentes macabros em estaleiros navais. Presumo que a sua história também inclua a

tarde de vinte e quatro de novembro de dois mil e seis e o cadáver de uma criança com o crânio fraturado.»

«O corpo do meu aluno Miguel foi finalmente devolvido pela terra», disse Lurdes, com a dicção perfeita, articulada e lenta de quem dita uma frase complexa para a ardósia. «E os meus vizinhos, que são pessoas de um coração mole mas de fraca estirpe moral, apressaram-se a vir até aqui tentar poupar-me os parcos anos de vida que ainda me restam. Estão a confessar, por pena de uma velha, um pecado que me pertence em absoluto e em exclusivo.»

Teresa cruzou as pernas, tentando mascarar o cansaço que lhe pesava nos músculos. A orquestração daquele grupo era de uma genialidade puramente diabólica. O padre dizia que a médica o cobria num ato de caridade; a médica entregava-se para proteger o próprio filho do escândalo; o pescador atirava-se às grades da prisão julgando-se, no seu delírio alcoólico, o único culpado vivo; e agora a velha professora fechava o círculo magistralmente, assumindo o peso da coroa de espinhos com um instinto protetor retorcido.

Era uma abóbada arquitetónica perfeita na sua conceção. Se a polícia tirasse uma pedra, as outras apertavam-se e seguravam a estrutura inteira.

«A senhora tinha quase sessenta anos na altura dos factos. Era uma educadora temida e respeitada em São Jacinto e em toda a região de Aveiro», ripostou a inspetora, testando a frieza da idosa. «Quer mesmo fazer-me acreditar, olhando-me nos olhos, que espancou uma criança de sete anos a sangue-frio e a enterrou como um cão vadio debaixo de toneladas de areia?»

«Não foi a sangue-frio, inspetora Teresa. Foi um esgotamento de nervos. Um rasgão repentino na minha sanidade mental.» Lurdes apertou o castão de madeira da bengala com ambas as mãos. «As aulas da tarde tinham terminado. O nevoeiro já cobria por completo os muros do recreio primário, não se via um palmo além da porta. O Miguel tinha ficado de castigo dentro da minha sala porque empurrara deliberadamente um colega mais fraco nas es-

cadas. Ele era um menino profundamente difícil. Hiperativo, propenso a birras violentas quando contrariado. A mãe dele, a pobre da Rosa, andava exausta a trabalhar e a cuidar da casa, não conseguia controlá-lo de todo.»

Teresa lembrou-se imediatamente do processo. O pequeno Miguel era, de facto, descrito pelos psicólogos da época como uma criança agitada, requerendo atenção constante e firmeza. Mais uma vez, a mentira ancorava-se num facto inegável e público, distorcendo-o apenas o milímetro necessário para servir de móbil criminal.

«Eu sofria de enxaquecas crónicas fortíssimas», continuou a velha professora, a voz monótona e professoral a desenhar a cena. «A dor latejava-me atrás dos olhos como o bater de um tambor surdo. Eu só queria fechar os olhos por um minuto. Pedi-lhe, ordenei-lhe, que se sentasse em silêncio e fizesse a cópia punitiva no caderno de linhas. Ele desafiou-me. Atirou o caderno para o chão, pontapeou a madeira da carteira e começou a gritar. A gritar que me odiava, que eu era uma bruxa. A gritar com aquela voz infantil e aguda que me perfurava os tímpanos como agulhas quentes.»

Lurdes fez uma pausa. O seu olhar baixou para as próprias mãos, fixando-se nas manchas castanhas da pele, como se pudesse ver uma mancha invisível que a água e o sabão nunca conseguiram lavar. Havia um tremor microscópico no maxilar dela. Uma dor autêntica, não encenada. O remorso de quem sabia que o seu maior pecado não tinha sido a violência, mas sim a falha imperdoável no seu dever de vigilância enquanto educadora.

«Eu levantei-me da secretária. Agarrei-o pelo braço esquerdo para o levar de arrasto para o recreio vazio, para que os gritos estridentes não ecoassem lá dentro e não me fizessem estalar a cabeça. Mas ele debateu-se com fúria. Arranhou-me as costas das mãos.» A mulher engoliu em seco. «Estávamos no topo da grande escadaria de granito da escola velha. Eu... eu perdi o controlo por um mero segundo. Dei-lhe um estalo na cara. Com força a mais. Ele desequilibrou-se para trás. E rolou os doze degraus abaixo, como um boneco de trapos.»

Vicente aproximou-se devagar, encostando-se à ombreira da porta.

«E bateu com a cabeça na pedra», completou o psicólogo, testando a narrativa e a capacidade de reação da senhora.

«Bateu com a nuca no último degrau. Ouvi o osso estalar de imediato contra a aresta fria do granito. Um som muito seco, muito oco», confirmou Lurdes, sem vacilar um milímetro perante o olhar escrutinador do ex-académico. «O sangue escuro começou a ensopar a gola do blusão azul dele num instante. Eu desci a correr, a tropeçar nas minhas próprias pernas, mas ele já não respirava. O pescoço dele estava dobrado num ângulo antinatural. Eu tinha-o matado, doutor Vicente.»

A perfeição cirúrgica do encaixe deu a Teresa uma súbita e descontrolada vontade de atirar a cadeira contra a parede da sala. Era a quarta versão perfeita, limpa e irrepreensível para explicar o trauma craniano massivo do esqueleto.

«Como é que uma mulher da sua idade conseguiu limpar o sangue da escola inteira sem o contínuo ou as mulheres da limpeza perceberem na segunda-feira seguinte?» disparou Teresa, procurando a racha na armadura, atirando as falhas logísticas para o centro da mesa.

«Com lixívia pura e muita serradura», respondeu a professora de imediato, quase ofendida com a dúvida. «Lavei o granito cinzento de joelhos, a chorar as lágrimas de uma vida inteira. O contínuo, quando chegou ao trabalho no dia seguinte, achou que o cheiro forte a químico era apenas o meu zelo excessivo e habitual com a desinfeção das escadas antes da pausa do fim de semana.»

«E o corpo ensanguentado?» perguntou a inspetora, sentindo o cerco mental a fechar-se, incapaz de encontrar uma única falha processual que a deixasse desconstruir aquela senhora.

«Pus no porta-bagagens do meu Opel Corsa», disse Lurdes. Pela primeira vez em todo o interrogatório, a voz dela oscilou ao de leve, um fantasma de emoção real e palpável a romper a barreira do ensaio meticuloso. «Conduzi durante horas pelo nevoeiro, sem

rumo, cega pelas lágrimas e pela vergonha. Pensei atirá-lo ao Poço do Sal. Sabem onde é? Aquela ravina funesta de pedras escorregadias do lado da ria, longe da estrada principal, onde a água repuxa com força e engole tudo o que lá cai.»

Teresa franziu o sobrolho intensamente, anotando mentalmente o nome. *Poço do Sal*. Era a primeira vez que aquele detalhe geográfico surgia.

«Por que não o atirou para lá e resolveu o problema?»

«Porque a maré estava vaza», justificou Lurdes, com uma frieza de raciocínio de quem ponderou todas as hipóteses. «A água estava muito baixa. O corpo ia ficar preso de certeza nas rochas afiadas e ser descoberto pelos apanhadores de berbigão logo na manhã seguinte, quando o nevoeiro levantasse. Então, conduzi até às dunas isoladas da reserva natural. Onde a areia branca era suave, solta e fácil de escavar por uma mulher acabada de sessenta anos. E enterrei o meu aluno.»

Lurdes apoiou as duas mãos trémulas na bengala e ergueu-se, lenta e majestosamente, pairando sobre a figura de Teresa. O olhar que deitou à inspetora carregava uma tristeza antiga e pantanosa, uma dor muito para além da alçada medíocre de qualquer código penal moderno.

«A senhora inspetora acha que a tragédia enlouqueceu apenas a pobre da Rosa Tavares naquele anoitecer. Mas a verdade é que o luto não resolvido daquela mãe enlouqueceu-nos a todos. A culpa de fechar os olhos, a culpa de não estarmos a olhar quando devíamos... é um veneno muito lento.» O discurso de Lurdes carregava agora a sua verdadeira motivação, oculta sob a metáfora. «A culpa não mata logo de uma vez. Apenas apodrece o tempo que nos resta viver.»

Lurdes bateu com a bengala de castanho no chão, um ponto final sonoro e irrevogável.

«Estou pronta para ir para a cadeia, senhora inspetora. Traga as algemas, apesar de não precisar delas, que eu vou para onde me mandarem de boa vontade.»

CAPÍTULO 8

Setenta e duas horas depois daquela noite de confissões, a tempestade violenta tinha dado lugar a um frio estático e cortante que paralisava as ruas da península de São Jacinto.

Durante esses três dias longos e penosos, a vila costeira transformara-se numa panela de pressão silenciosa e aterrorizante. O Ministério Público em Aveiro, perante o cenário dantesco de quatro confissões cabais, todas elas gravadas em áudio, mas materialmente incompatíveis entre si pelo exato mesmo homicídio de 2006, recusara-se categoricamente a emitir mandados de prisão preventiva.

O procurador fora claro: sem uma única prova material forense que ligasse inequivocamente um dos suspeitos específicos ao local exato do crime, ou à arma do crime, prender um deles significava ignorar ativamente e sem justificação legal os outros três confessos. Todos os quatro suspeitos foram ouvidos por um juiz de instrução criminal perplexo, constituídos formalmente arguidos e libertados com a medida de coação mais leve: Termo de Identidade e Residência (TIR).

A vila assistiu ao regresso do padre, da médica, do pescador e da professora com um terror mudo e paralisante. As ruas esvaziaram-se como se a peste bubónica tivesse atracado no porto. Ninguém ia às consultas de rotina no centro de saúde, com medo de olhar nos olhos da doutora Cristina. As missas dominicais ficaram desertas, deixando o padre Elias a pregar para os santos de gesso. O porto de pesca mergulhou numa quietude fantasmagórica onde os pescadores desviavam o olhar quando o João passava a cambalear.

A dor silenciada de Rosa, a mãe que voltara a ficar sem um culpado perante a justiça dos homens, parecia ter-se espalhado pelo ar frio, infetando e apodrecendo o espírito de todos os habitantes.

A notícia de que a polícia libertara os quatro vizinhos por falta de um «cenário conclusivo» espalhara-se de boca em boca. Rosa não chorou quando ouviu a rádio local. A sua dor tinha ultrapassado a fase líquida há muitos anos. Agora, era apenas pedra.

Na tarde de domingo, ela saiu de casa. Vestiu o seu casaco preto de lã, apertou o lenço escuro ao pescoço e caminhou pelo meio da estrada, ignorando os passeios. O som dos seus sapatos rasgava o silêncio da vila. As vizinhas que antes a confortavam agora espreitavam por trás das cortinas de renda, sustendo a respiração.

Rosa caminhou até ao largo da Igreja Matriz.

O Padre Elias estava no adro exterior, varrendo um punhado de folhas secas caídas dos plátanos, com a lentidão de um homem que carrega o peso do mundo aos ombros. Vestia a batina preta e não usava casaco, alheio à temperatura negativa.

Quando o som dos passos de Rosa parou no início da calçada portuguesa, o clérigo parou de varrer. O corpo dele enrijeceu. A vassoura de piaçaba escorregou-lhe das mãos e bateu no chão.

Durante um minuto inteiro, nenhum dos dois disse uma palavra. Rosa estava a dez metros de distância. O olhar dela era um abismo impenetrável.

«Quatro pessoas, padre Elias», disse Rosa. A voz dela não tremeu. Não soou alta, mas a acústica fria do largo da igreja amplificou o som como um megafone invisível. «Quatro pessoas para matar um menino de sete anos com asma. Tiveram de se juntar em bando?»

O padre baixou a cabeça, incapaz de suportar o peso daquele olhar. As mãos dele tremiam visivelmente.

«A culpa é apenas minha, Rosa. Fui eu quem conduziu o carro contra o pequeno Miguel. Os outros... os outros vizinhos comoveram-se com a minha desgraça e estão a tentar confundir a polícia por pena de mim.» A mentira saiu-lhe da boca com o sabor de vidro moído. «Fui eu quem lhe roubou a vida.»

Rosa deu dois passos lentos em direção a ele.

«O senhor jura-me que foi o responsável?»

«Juro pela minha alma condenada.»

Rosa sorriu. Um esgar horrível, desprovido de qualquer alegria, uma fratura na sanidade de uma mãe que atingiu o limite da crueldade humana.

«O senhor rezou comigo, Padre», murmurou ela, as palavras a transformarem-se em pequenas nuvens de vapor branco no ar gélido. «Naquela noite em que andámos pela ria à procura dele com as lanternas, o senhor segurou o meu braço para eu não cair à água. O senhor disse-me que Deus ia ser o farol dele.»

Ela deu mais um passo.

«O senhor deu-me a hóstia sagrada na boca durante vinte anos de domingos», continuou Rosa, a voz a engrossar, rasgando o silêncio. «O senhor consolou o meu falecido marido e abençoou a terra da sepultura dele, sabendo que ele tinha morrido de desgosto pelo filho que o senhor tinha atirado para um buraco na areia, como lixo.»

«Perdoe-me. Por misericórdia de Cristo, Rosa, perdoe a minha cobardia...» Elias caiu de joelhos na calçada fria, as lágrimas a lavarem-lhe o rosto pálido. Apoiou as duas mãos na pedra, humilhado, destruído pelo pacto que jurara manter.

«Eu não sou Cristo», retorquiu Rosa, a voz implacável e afiada. Ela parou a meio metro do padre ajoelhado. «Não há misericórdia nenhuma no meu corpo. Olhe para mim, padre. Levante a cabeça e olhe para mim!»

Elias levantou o rosto ensopado em lágrimas.

«Eu não lhe desejo a morte», sussurrou a mãe do menino, cuspindo as palavras na cara do homem de fé. «Eu desejo-lhe uma vida muito, muito longa. Desejo que acorde todos os dias a ver a cara do meu Miguel no teto do seu quarto. E quando a velhice lhe apodrecer o cérebro, eu rezo ao Diabo para que a única memória que lhe sobre seja o som da terra a bater no corpo do meu filho. O senhor é o verdadeiro Diabo de São Jacinto.»

Rosa virou costas, deslizando pelo largo empedrado com a mesma lentidão fantasmagórica com que chegara, deixando o

padre ajoelhado no chão, a soluçar convulsivamente sobre a própria batina.

Do outro lado da praça, estacionado nas sombras do parque de merendas, estava o jipe descaracterizado da Polícia Judiciária. O vidro do lado do condutor estava meio aberto.

Teresa assistira a tudo em absoluto silêncio. Tinha as duas mãos cravadas no volante de pele. Os nós dos seus dedos estavam brancos. Ela sabia que não podia intervir, sabia que o estatuto de arguidos lhes garantia a liberdade condicional, mas a náusea moral ameaçava sufocá-la. Ver uma mãe suplicar pela verdade e receber uma mentira fabricada em resposta era o espelho doloroso da sua própria incapacidade em Lisboa.

Vicente, no banco do passageiro, fechou o caderno de notas onde andava a rabiscar as incongruências dos interrogatórios.

«Este teatro não se vai sustentar por muito mais tempo, Teresa», murmurou o psicólogo, olhando para o padre caído na calçada. «Eles estão a desfazer-se por dentro. O peso do olhar desta mãe vai ser mais letal do que qualquer sentença judicial que o Estado lhes aplique.»

«Nenhum deles a matou com os olhos», respondeu Teresa, rodando a chave na ignição. O motor do jipe resmungou contra o frio, expelindo uma nuvem de fumo cinzento pelo tubo de escape. «A justiça de Deus e o remorso não me servem de prova pericial, Vicente. A Rosa não quer vê-los a chorar. A Rosa quer o nome do monstro.»

Teresa engatou a primeira mudança e arrancou, os pneus a mastigarem a gravilha do parque. A determinação da inspetora encontrou apenas o silêncio da península. Mas a espera angustiante estava prestes a chegar ao fim. A ria de Aveiro preparava-se, finalmente, para falar.

CAPÍTULO 9

O posto territorial da GNR de São Jacinto parecia ter encolhido durante a noite. As paredes descascadas, marcadas pela humidade endémica da península, assemelhavam-se agora às de uma jaula.

Eram oito da manhã de segunda-feira. Teresa estava sentada à secretária de chapa, o olhar cinzento fixo no quadro branco do gabinete. O marcador preto listava as quatro versões oficiais da fratura craniana que assombrava o esqueleto de Miguel Tavares:

1 *Queda de pedra nas dunas (Doutora Cristina).*
2 *Embate no alcatrão da EN327 (Padre Elias).*
3 *Queda contra cepo de cimento no cais (Pescador João).*
4 *Queda no degrau de granito da escola (Professora Lurdes).*

A porta do gabinete abriu-se com violência, batendo contra o batente de borracha.

Vicente entrou a passo acelerado. O psicólogo forense trazia o casaco de fazenda salpicado de chuva e as feições extremamente tensas. O ar gelado da rua invadiu a sala abafada. Numa das mãos, ele segurava um envelope pardo fechado, marcado no canto superior esquerdo com o carimbo oficial e vermelho do Instituto Nacional de Medicina Legal e Ciências Forenses de Coimbra. A menção «URGENTE» sublinhava o remetente.

«Os resultados laboratoriais preliminares, Teresa», disse Vicente, a voz reduzida a um fio de respiração ofegante, atirando o envelope pesado para cima dos relatórios na secretária da inspetora. «O laboratório trabalhou durante a noite. O diretor assinou a perícia há menos de duas horas e mandou um estafeta direto para Aveiro.»

Teresa não hesitou. O cansaço desapareceu dos seus músculos num ápice. Ela rasgou o papel pardo com uma urgência agressiva, quase rasgando a primeira página do documento impresso.

Os seus olhos treinados percorreram rapidamente o jargão técnico da secção de Antropologia Forense e Patologia, saltando as descrições iniciais e morosas da degradação óssea provocada pela acidez da areia, até encontrarem o parágrafo conclusivo. Aquele que a ciência escrevera a negrito.

Ela leu as linhas uma vez, em silêncio. Depois leu uma segunda vez, sentindo os batimentos cardíacos a ribombarem nos tímpanos.

«Lê em voz alta», pediu Vicente, apoiando as duas mãos na beira da secretária, o corpo inclinado para a frente numa expectativa palpável.

«A fratura craniana de Miguel Tavares, localizada no osso occipital e estendendo-se à base do crânio, é inequivocamente uma fratura *perimortem*», começou a ler Teresa, a voz a ganhar uma firmeza que há dias não tinha. «Isto confirma que aconteceu exatamente no momento da morte do rapaz, ou foi a causa direta da mesma. Não foi causada *post-mortem* pelo peso da areia ou por pedras caídas numa cova, o que anula a teoria forense da doutora Cristina.»

«O relatório vai mais fundo do que isso», interrompeu Vicente, apontando para a página seguinte com um dedo a tremer de excitação analítica. «Lê os resultados das amostras microscópicas. O que é que eles rasparam de dentro da fratura antes de a limparem?»

A inspetora virou a página, os olhos a varrerem os gráficos de espectrometria.

«A equipa do laboratório encontrou resíduos microscópicos incrustados profundamente no interior do osso poroso», continuou Teresa, os olhos a arregalarem-se gradualmente à medida que a física e a biologia desmentiam os quatro suspeitos de uma só vez. «Eles isolaram traços de cloreto de sódio fortemente cristalizado e... diatomáceas.»

«Diatomáceas?»

«Microalgas calcificadas, Vicente», explicou Teresa, absorvendo a magnitude daquela revelação. «São organismos unicelulares com carapaças de sílica. O relatório especifica que as estirpes encontradas no crânio da criança são exclusivas de águas salobras e rochas estuarinas da zona intertidal.»

Vicente endireitou as costas de rompante, como se tivesse levado um choque elétrico.

«Resíduos de estuário», repetiu o psicólogo, a mente brilhante a cruzar os dados laboratoriais com as transcrições dos interrogatórios. «Não há microalgas de estuário no alcatrão seco da estrada nacional, o que anula a confissão do Padre Elias. Não há salitre e lodo marinho nas escadas de granito da escola velha, o que destrói a mentira da professora Lurdes. E o cais de cimento onde o pescador disse que o menino caiu foi construído há oitenta anos para estar acima da linha de água, nunca acumularia aquela biologia específica num embate.»

Teresa deixou o relatório cair lentamente sobre a mesa de chapa. A neblina de mentiras cuidadosamente tecida durante vinte anos, pensada ao milímetro e ensaiada até à exaustão naqueles três dias, acabava de se dissipar sob a luz implacável do microscópio.

«O menino não morreu asfixiado, nem atropelado, nem espancado», deduziu a inspetora, levantando o olhar para o colega. «Ele morreu ao bater com a parte de trás da cabeça com uma violência extrema numa rocha coberta de lodo de água salgada. Num ambiente húmido onde a ria de Aveiro sobe e desce todos os dias.»

Vicente recuou um passo, a memória auditiva a rebobinar as dezoito horas de gravações que tinham acumulado. Ele fechou os olhos, procurando o exato momento, o único escorregão verbal que não encaixava no xadrez perfeito das quatro falsas confissões. O excesso de detalhes que uma velha senhora arrogante oferecera de forma aparentemente gratuita para credibilizar o seu desespero falso.

«A professora Lurdes», sussurrou Vicente, o assombro absoluto a dominar-lhe o rosto pálido. «A professora deixou cair o nome de um local geográfico para nos despistar e dar cor à sua história do transporte do cadáver. Lembras-te? Ela disse-nos, com uma frieza de gelar o sangue, que tinha pensado ir lá atirar o corpo para a água para o fazer desaparecer de vez. Mas não foi, alegando que a maré estava baixa e as rochas afiadas iam rasgar a roupa da criança e prendê-la à vista de todos.»

«O Poço do Sal», atirou Teresa.

A inspetora agarrou nas chaves do jipe descaracterizado da Judiciária e no coldre da arma com uma determinação cega, sentindo finalmente que o fantasma de Lisboa a deixava respirar para tentar salvar o que restava da alma de Aveiro.

«Eles preparam-se para as nossas técnicas de interrogatório, Vicente. Eles leram o Código Penal. Eles sabem como funciona a dúvida razoável num tribunal de júri. Mas esqueceram-se que a natureza não mente. A ria de Aveiro foi a única testemunha ocular daquele crime. E ela deixou a sua assinatura encravada no osso occipital do Miguel.»

O percurso do posto da GNR até aos limites da península de São Jacinto foi feito sob uma tensão asfixiante.

Teresa conduzia o jipe por caminhos de terra batida que não constavam nos mapas de turismo. A cada solavanco nas poças de lama escura, a suspensão do veículo gemia. O nevoeiro matinal estava a começar a levantar, revelando a paisagem agreste, estéril e melancólica que separava a base militar das águas paradas da ria.

«Eles não estavam a proteger-se uns aos outros com aquelas mentiras», disse Vicente, segurando-se ao manípulo da porta enquanto o jipe derrapava na lama. «Isso não faz sentido sociológico. Quatro pessoas sem ligações familiares diretas não vão para a cadeia por solidariedade comunitária. O instinto de autopreservação não o permite.»

«Então a tua teoria é que eles estão a proteger uma quinta pessoa», concluiu Teresa, os olhos cravados no caminho estreito ladeado por canaviais.

«Alguém que eles amam, ou alguém perante o qual sentem uma dívida de vida incalculável», explicou o psicólogo. «Eu aposto as minhas credenciais na doutora Cristina. A médica é a mente brilhante por trás da orquestração disto tudo. A calma dela... a rapidez com que integrou o detalhe da pedra na cova. Ela não se sacrificaria daquela maneira por um pescador bêbado ou por um padre cobarde. Uma mãe com a estrutura psicológica dela só destrói a própria vida de livre e espontânea vontade por um único motivo.»

«O filho», sussurrou Teresa, travando bruscamente quando o caminho de terra terminou num amontoado intransitável de calhau rolado. «O Rui. O rapaz que tinha a mesma idade do Miguel.»

O Poço do Sal erguia-se à frente deles. Não era um poço literal, mas uma cicatriz geográfica profunda. Uma reentrância escura e abrupta onde as águas da ria lambiam um paredão natural de pedras irregulares, afiadas, outrora usadas para secar redes. A água ali não corria livremente para o mar. Estagnava numa bacia de pedra negra, criando um fundo lodoso e incrivelmente escorregadio que cheirava a marisco em decomposição.

Teresa desligou o motor. O silêncio do lugar era tumular, interrompido apenas pelo som do vento a bater nas canas.

A maré estava a encher, a água turva a engolir lentamente as rochas mais baixas do paredão, exatamente as mesmas rochas cobertas de cloreto de sódio e microalgas que o relatório de Coimbra descrevia.

Teresa e Vicente saíram do carro, o vento húmido a cortar-lhes o rosto. Avançaram em direção à ravina.

Foi então que o viram.

Sentado na ponta extrema do maciço de pedra, a um passo do abismo negro da água fria, estava uma figura solitária. As pernas balançavam no vazio. Os ombros estavam encolhidos contra a friagem e a cabeça pendia para a frente, numa postura de submissão total e irrefutável. Era o corpo de alguém que sabia que o seu tempo tinha chegado ao fim. O último peão daquele tabuleiro de xadrez doentio aguardava a sua captura.

CAPÍTULO 10

O vento no Poço do Sal não soprava: lamentava-se. A reentrância escura onde as águas da ria de Aveiro lambiam o paredão natural de pedras irregulares parecia um anfiteatro desenhado para tragédias esquecidas.

Teresa desceu os primeiros blocos de granito húmido com extrema cautela, seguida de perto por Vicente. As pedras, traiçoeiras e afiadas, estavam revestidas por uma camada invisível de algas calcificadas e crostas de sal branco. A exata biologia estuarina letal que os peritos de Coimbra tinham encontrado incrustada na racha do osso occipital do pequeno Miguel.

A inspetora parou a dois metros de distância do precipício.

A figura sentada na ponta extrema do maciço de pedra não se mexeu. As pernas balançavam sobre o vazio, suspensas sobre o negrume da ria. Vestia um casaco escuro, com os ombros encolhidos contra o frio e a cabeça pendida para a frente, numa postura de submissão total, como alguém que já colocou o pescoço no cepo e apenas espera que o carrasco deixe cair o machado.

Vicente avançou meio passo, colocando a mão no ombro da inspetora para a deter. O psicólogo forense, habituado a ler as fisionomias da região, analisou a silhueta do homem, a postura aristocrática herdada e o contorno do maxilar visível de perfil.

«Rui», chamou Vicente. A voz do ex-professor universitário procurou impor-se sobre o som rítmico da água a bater na pedra e a recuar.

O homem rodou lentamente a cabeça. Os olhos de Rui estavam injetados de sangue, secos de tanto chorar em silêncio ao longo de vinte anos, afundados num rosto pálido que transparecia uma exaustão secular. Ele não pareceu surpreendido por ver a polícia. Parecia apenas aliviado por o fim ter chegado.

«Eles andam lá fora, a caminhar pelas ruas de São Jacinto com a marca de Caim na testa», disse Rui. A voz dele era pesada, arrastando um fardo monstruoso que o esmagava. «A minha mãe. O padre Elias. O João. A professora Lurdes. A vila inteira acha que eles são monstros e eles não se defendem. Deixaram que as próprias vidas fossem destruídas por minha causa.»

Teresa deu um passo em frente, assumindo o interrogatório, a voz nivelada para não quebrar o cristal finíssimo daquele momento.

«Como assim? Eles deram-nos quatro versões perfeitamente verosímeis de homicídio para explicar a fratura craniana», explicou a inspetora.

«Para me protegerem! Quatro mentiras desenhadas ao milímetro para me blindarem de qualquer acusação.»

«Rui, é urgente sabermos a verdade. É importante pormos fim a este rol de mentiras…" suplicava o Vicente.

«Não são mentiras. É amor. Um amor sujo, doentio, apodrecido por décadas de culpa, mas amor», sussurrou Rui, virando as palmas das mãos para cima, como se inspecionasse um sangue imaginário que a água nunca lavou. «Eles sabiam perfeitamente que eu ia entregar-me. Era só uma questão de tempo. Dias, meses... E quando o corpo apareceu, eles anteciparam-se para criar um caos jurídico e bloquear-me o caminho da redenção.»

Rui fechou os olhos. A chuva fina e gelada começou a molhar-lhe o cabelo escuro.

«Eu tinha sete anos. Nós éramos inseparáveis», contou ele, a voz a quebrar-se, regressando à infância violenta num ápice. «Estávamos a brincar debaixo do nevoeiro cerrado. Tínhamos fugido do recreio da escola velha e viemos dar aqui, a correr às cegas, ao Poço do Sal. O Miguel disse que eu estava a fazer batota. Empurrou-me com força. Eu irritei-me com a birra estúpida dele e empurrei-o de volta. Mas os ténis dele escorregaram no lodo.»

Rui apontou com um dedo a tremer para uma laje de pedra, escura e pontiaguda, mesmo na beira da água, a um metro de distância de onde estavam.

«Eu ouvi o barulho, inspetora. O estalo oco do osso na aresta da pedra. O Miguel caiu de costas, o pescoço dobrou mal e ele não se mexeu mais. O sangue escuro misturou-se logo com a poça de água salgada. Eu comecei a gritar de terror, agarrado ao casaco azul dele.»

«A professora Lurdes ouviu-te e veio atrás de vocês», deduziu Teresa, a voz embargada. A velha senhora tinha confessado, na sala de interrogatórios, ter abandonado o seu dever.

«A dona Lurdes devia estar a vigiar o recreio. Mas ela estava com uma enxaqueca crónica horrível e adormeceu sobre a secretária, fechando os olhos por algum tempo. O sentimento de culpa pela negligência destruiu a sanidade daquela mulher», confirmou Rui, com as lágrimas a escorrerem finalmente livres pela cara, misturando-se com a chuva. «Se ela não tivesse adormecido, nós não tínhamos fugido. Ela sentiu que o sangue do Miguel também lhe manchava as mãos. Foi ela quem nos encontrou primeiro. Correu pelo nevoeiro, viu o corpo nas pedras e abraçou-me. E depois... depois apareceu o João. O pescador.»

Vicente ajustou os óculos molhados, aproximando-se da beira da ravina. O psicólogo tentava encaixar o bêbado arruinado e trémulo da cela na fundação daquele silêncio monumental.

«O pescador estava escondido mesmo ali atrás, a roubar gasóleo de um barco na doca ao lado», disse Rui, levantando o rosto para a neblina. «Ele viu tudo. Ele viu-nos discutir nas rochas antes do empurrão. Ele podia ter saído do esconderijo e mandado a gente para a escola a tempo, mas não quis intervir para não ser apanhado pela polícia portuária a roubar combustível. A omissão dele permitiu que o Miguel caísse. Quando a professora Lurdes percebeu que o rapaz estava morto, mandou o João correr e ir chamar a minha mãe ao centro de saúde, pelos caminhos de terra, para não dar nas vistas. A minha mãe trouxe o padre Elias com ela. Num espaço de meia hora, estavam quatro adultos à minha volta.»

O jovem respirou fundo, o peito a arfar violentamente sob o casaco.

«A minha mãe percebeu que eu ia ser atirado para uma instituição correcional se as autoridades fossem chamadas. Ela ajoelhou-se na lama e disse aos outros três que não ia deixar aquela pedra maldita matar dois meninos no mesmo dia», contou Rui. «E foi então que o João se ofereceu de livre vontade para carregar o corpo e cavar o buraco nas dunas.»

Teresa franziu o sobrolho, a mente analítica a tentar processar a dimensão do que ouvia. «Por que é que um homem humilde como o João arriscaria a liberdade dele, e vinte anos de cadeia… por ti?»

Rui olhou para os olhos cinzentos da inspetora com uma tristeza indescritível, a desvendar o último grande segredo de São Jacinto.

«Três anos antes da morte do Miguel, a filha recém-nascida do João contraiu uma meningite bacteriana muito grave. O hospital distrital de Aveiro não tinha camas e tinha dado a menina como um caso perdido, mandando-os para casa para esperar a fatalidade. Mas a minha mãe recusou-se a aceitar», relatou o jovem, a voz embargada e orgulhosa. «A minha mãe trancou-se no posto médico de São Jacinto. Passou quarenta e oito horas seguidas acordada, sem comer, a aplicar antibióticos intravenosos e compressas frias na criança, batendo-se contra a morte até a febre baixar. Salvou-lhe a vida contra todas as probabilidades médicas.»

O vento silvou nas pedras, carregando o eco daquela confissão.

«Enquanto olhava para o corpo do Miguel partido nas pedras, o João virou-se para a minha mãe e disse: 'A doutora deu-me uma filha viva. Eu vou dar-lhe um filho livre.'» Rui fechou os olhos. «Ele cavou a sepultura de joelhos, nas dunas, a sangrar das mãos, para pagar a sua enorme dívida de sangue. O padre abençoou a cova no escuro porque sentiu que a fé tinha falhado a toda a vila, a professora limpou a escola e calou-se porque sentia que a morte tinha nascido da sua enxaqueca, e a minha mãe obliterou as provas e apagou-me a memória por amor materno e instinto sociopata.»

Rui virou a cara de novo para as águas paradas da ria e oscilou sobre as pontas dos pés. Deixou a gravidade vencer o cansaço, preparando-se para saltar para o abismo e acabar com aquele tormento de uma vez por todas.

Teresa reagiu com a velocidade visceral de quem já carregava um pequeno cadáver na própria consciência. Não houve cálculo policial. Não houve avaliação de risco ou protocolo de negociação tática.

Ela atirou o corpo para a frente num instinto maternal, cego e desesperado, rasgando o tecido do sobretudo. Agrupou toda a força do seu corpo e agarrou Rui pelo colarinho do casaco no exato milissegundo em que ele tombava para o vazio gelado.

O peso de um homem adulto arrastou-a impiedosamente. Os joelhos de Teresa bateram com um estrondo horrível no granito implacável, rasgando o tecido das calças e esfolando a carne até ao osso. A dor foi intensa, uma explosão branca no seu cérebro, mas ela ancorou as botas numa reentrância da rocha com violência e puxou para trás com toda a fúria que guardara de Lisboa.

Vicente lançou-se sobre ambos num grito rouco, deslizando no lodo, agarrando o cinto de couro de Rui com as duas mãos até os nós dos dedos estalarem.

Os três resvalaram e caíram de costas, num emaranhado ofegante sobre as rochas planas e seguras, longe da água voraz que engole pecadores e inocentes com a mesma indiferença.

O silêncio do mundo devolveu-lhes apenas o som sereno da ria. Rui soluçava compulsivamente, encolhido em posição fetal, o rosto enterrado no ombro ensanguentado de Teresa.

«Não faças isto, Rui», sussurrou Teresa, com a voz rasgada pelo esforço e pela dor.

A mão trémula da inspetora repousou na nuca do homem, acariciando os cabelos sujos de sal. Foi o toque instintivo que ela nunca tivera a oportunidade de dar ao Tiago, o menino morto de Alcântara que assombrava as suas noites.

«Não deites fora o milagre que aquelas quatro pessoas te compraram a um preço tão obscenamente alto», implorou ela.

A matemática forense e a moralidade colidiam num desastre absoluto e sem resolução nas pedras frias de São Jacinto. A lei criminal exigia uma coisa e o sacrifício cego daquele grupo dizia outra completamente diferente.

Teresa olhou para Vicente, que tentava recuperar o fôlego sentado na rocha, a segurar o relatório esmagador de Coimbra nas mãos sujas de lama. O destino daquelas cinco pessoas, e a memória da sexta que repousava no laboratório forense, pendia agora de um fio incrivelmente frágil.

A sintaxe do silêncio estava, literalmente, caída nas mãos arranhadas de uma inspetora exausta.

CAPÍTULO 11
Epílogo

A esquadra de São Jacinto estava submersa no peso imaculado da madrugada de segunda-feira.

Eram três e um quarto da manhã. O único som audível na sala descascada era o zumbido mecânico do velho aquecedor elétrico e o compasso rítmico, quase marcial, das teclas do computador de Teresa.

A luz pálida e fria do monitor iluminava o rosto da inspetora, acentuando os vincos de exaustão, a sujidade na pele e a palidez de quem não dorme em condições há semanas. Por baixo da secretária, as pernas dela latejavam. O tecido das calças estava rasgado nos joelhos e o sangue seco colava-se à pele esfolada, um lembrete físico e doloroso da brutalidade do granito do Poço do Sal.

Em cima da secretária de chapa, alinhados com uma simetria macabra, repousavam os quatro autos de interrogatório oficiais, lidos, assinados e formalizados com o carimbo da Guarda Nacional Republicana.

João. Lurdes. Elias. Cristina.

Quatro narrativas inabaláveis, detalhadas e irrefutáveis de homicídio. Do lado direito do teclado, isolado como uma ilha de facto científico, estava o relatório confidencial impresso da Antropologia Forense de Coimbra, que provava o salitre e as microalgas nos ossos, destruindo as quatro mentiras. Por baixo dele, num bloco de notas rasurado com marcas da chuva e do lodo da ria, estava a transcrição manuscrita da confissão desesperada de Rui.

Teresa parou de digitar as suas conclusões finais. O cursor piscava no ecrã de fundo branco, implacável e impaciente.

A porta do gabinete rangeu ao de leve. Vicente entrou, segurando dois copos de plástico com café fumegante. O psicólogo forense tinha desapertado a gravata de seda, agora irremediavelmente manchada de lama e sal. Pousou um dos copos junto ao teclado e sentou-se na cadeira do outro lado da secretária com uma lentidão extrema, os ossos a estalarem sob o peso da idade e do choque.

Não falaram imediatamente. O resgate nas rochas ainda lhes esmagava os pulmões. Rui estava vivo. Estava em casa, a dormir um sono exausto e medicado, guardado à cabeceira pela doutora Cristina, mas refém absoluto da decisão burocrática daqueles dois oficiais da polícia.

«O procurador do Ministério Público telefonou há uns minutos», disse Vicente, quebrando a quietude do posto, com a voz num tom monocórdico. «Ele quer saber se a Judiciária já tem matéria factual, substancial e material para pedir a prisão preventiva de algum dos quatro arguidos nas primeiras horas da manhã, com base no relatório que fomos mandatados para receber.»

Teresa olhou para o líquido negro no copo de plástico. A imagem do pequeno menino de Alcântara, esmagado pela burocracia dos mandados de busca que chegaram tarde demais, e a face destruída de Rosa, cega pelo luto em São Jacinto, colidiram na sua mente com a força de um comboio desgovernado.

A justiça criminal num tribunal não era uma equação matemática fechada. Por vezes, para horror de quem jurou defender a lei com a própria vida, a justiça era apenas a distribuição menos dolorosa do sofrimento e das cinzas num mundo que já ardia por todos os lados.

Se ela anexasse o relatório oficial de Coimbra e submetesse o seu próprio testemunho ocular do Poço do Sal, a verdade emergia como um cadáver a flutuar na maré. Os quatro adultos seriam humilhados na praça pública, presos em alas separadas e condenados por ocultação de cadáver, fraude processual e falsas declarações à autoridade. Rosa Tavares saberia, finalmente, que o seu filho Mi-

guel não fora vítima de um predador sem rosto, mas morrera num escorregão estúpido e acidental às mãos do melhor amigo, num cenário encoberto à porta de casa pela comunidade que ela achava que a protegia.

E Rui, o jovem que acabara de ser arrancado das águas negras da ria, seria arrastado para os tribunais, carregando o estigma do sangue e a responsabilidade da destruição daquelas quatro vidas para o resto dos seus dias. O milagre de amor distorcido, pago a pronto com insónias, paróquias vazias e alcoolismo crónico, seria estilhaçado por um relatório com um carimbo oficial do Estado.

A verdade, constatou Teresa com os olhos cinzentos rasos de lágrimas silenciosas, era uma faca sem cabo. Cortava profunda e irremediavelmente as mãos de quem a tentasse agarrar.

«Não temos matéria legal para pedir detenções Vicente», sussurrou a inspetora.

O psicólogo ergueu o olhar. Não havia a mais pequena ponta de julgamento nos olhos dele, apenas o reconhecimento profundo, e quase religioso, de que a moralidade acabava de se sobrepor ao Código Penal de forma irreversível.

Teresa puxou o teclado de plástico gasto para si e os dedos voltaram a mover-se sobre as letras, céleres, duros e decididos. Não vacilou uma única vez.

«*Face à existência formal de quatro confissões materialmente incompatíveis entre si, e à recusa absoluta dos suspeitos em clarificar as incongruências geográficas das mesmas perante as evidências periciais de que dispomos, torna-se juridicamente impossível determinar a autoria material do crime para além de qualquer dúvida razoável num quadro acusatório sustentável. O cenário genérico de trauma craniano é reivindicado por todos os arguidos num conluio comunitário de impossível prova técnica individual. Sem outros elementos probatórios definitivos ou testemunhais fidedignos que isolem um único suspeito, invoca-se o princípio in dubio pro reo e propõe-se o arquivamento do presente processo por ausência de viabilidade legal.*»

Teresa carregou no botão de imprimir.

O barulho estridente e mecânico da velha impressora rasgou o silêncio fúnebre da esquadra, cuspindo e carimbando no papel a mentira mais bem contada da história criminal de Aveiro. Ela agarrou na caneta, assinou na última linha com força, rasgando levemente a folha, e empurrou o documento na direção do psicólogo.

Vicente leu o parágrafo final. Uma sombra de respeito solene passou-lhe pelo rosto vincado. Ele pegou na sua própria caneta de tinta permanente e assinou por baixo da assinatura de Teresa, avalizando cientificamente a impossibilidade de resolver a natureza comportamental das confissões.

«A partir do momento em que eu colocar este envelope na mão do procurador em Aveiro, passaremos a ser dois investigadores criminalmente corruptos e omissos, Teresa», disse Vicente. A voz soou destituída de acusação, oferecendo um último e cristalino vislumbre da realidade factual.

«Eu sei perfeitamente disso.»

Teresa levantou-se, ignorando a dor lancinante nos joelhos esfolados. Apanhou o relatório original e imaculado de Coimbra e o bloco de notas manchado de água onde escrevera o testemunho do Poço do Sal. Caminhou com um ligeiro coxeio até ao canto da sala e atirou os dois documentos fundamentais para dentro das ranhuras afiadas da máquina destruidora de papel.

O som elétrico e mastigado das lâminas metálicas a triturarem a única prova da verdade ecoou cruelmente pelas quatro paredes, transformando o salitre científico e a culpa secular em fitas de papel inofensivas e ilegíveis.

«Eu troquei a verdade oficial por um rapaz quebrado», disse a inspetora, olhando para a neve de papel a acumular-se no cesto transparente. «O mar fustigante de São Jacinto nunca devolve o que rouba no mesmo estado. Nós não podíamos devolver o pequeno Miguel à vida, nem aos braços da dona Rosa. Mas eu podia impedir que aquela pedra maldita na ria acabasse por matar mais um filho. E foi o que fiz.»

Vicente assentiu lentamente. Pegou no processo oficial fechado, onde o embuste coletivo estava agora eternamente consagrado como um mistério impossível de resolver **e** arquivado, e caminhou em direção à porta do gabinete. Antes de sair para o corredor escuro da esquadra, o ex-professor universitário olhou para trás, ajeitando os óculos.

«Vais conseguir dormir?»

«Vou. Hoje vou dormir muito bem, Vicente», respondeu ela, e pela primeira vez em meses, um pequeno sorriso cansado e genuíno desenhou-se-lhe nos lábios.

Teresa virou o rosto para a pequena janela molhada da esquadra, onde as primeiras luzes tímidas da madrugada de segunda-feira começavam finalmente a furar o cinzento pesado do céu, delineando a silhueta solitária de um barco de pesca a rasgar as águas paradas e secretas da ria.

«O nevoeiro aqui em Aveiro é denso, sufocante e perigoso, é verdade», murmurou a inspetora para o vidro. «Mas, às vezes, ajuda a esconder os monstros que nos tentam devorar por dentro.»

A sintaxe do silêncio estava, para todo o sempre, selada.

Agradecimento

Escrever um livro é um ato solitário, mas publicá-lo é uma conquista coletiva.
Estas páginas não existiriam sem as pessoas que são a tinta da minha caneta.

À Lénia.
A mulher da minha vida. Obrigado pelas horas infindáveis de partilha e pelas madrugadas de compreensão, submersas no silêncio da escrita. Obrigado pela troca de ideias, pelo olhar crítico, preciso e tão necessário quando a dúvida se instalava. És uma devoradora de livros que me permitiu ter muito mais mundo do que aquele que eu teria se não te tivesse a meu lado. Sou-te grato. Muito. Por tudo o que tem sido partilhar a vida contigo. E que vida!
amo-Te, muito e sempre.

À Caetana.
A nossa filha. A mulher das nossas vidas. À minha «Caetana-linda», a miúda mais incrível que conheço. Obrigado por, do alto dos teus cinco anos, me ensinares tanto sobre bondade. Além de linda, és educada, gentil e preocupada. Tens os princípios e o carácter do lado certo da história.
Amo-te tanto quanto sou orgulhoso do ser humano em que te tornaste.

À minha irmã, Margarida.
A minha companheira das lutas da vida. Obrigado por seres mais do que a minha Mana.
Obrigado por teres sido a minha primeira leitora, a minha «beta» implacável. Obrigado por tamanha jornada de vida partilhada e por todos os feedbacks que moldaram esta história.
O meu, teu, sucesso, será sempre o nosso, como as derrotas e percalços da vida que sempre partilhámos juntos.

Aos meus pais, Zé e São.
Obrigado por serem, desde sempre, o meu porto de abrigo.
Pelo encorajamento eterno e por me ensinarem que «para a frente é que se faz caminho».
Obrigado por me fazerem sentir que, escolha eu o que escolher, vocês estarão sempre lá, a meu lado.
A minha gratidão por vocês é eterna e imensa.

À Avó Arcanja e à Avó Maria
Que neste momento, seriam as pessoas mais orgulhosas à face da terra. Não me esqueço de vocês NUNCA!

À Universidade de Aveiro.
Obrigado por terem acreditado nestas palavras e por me abrirem a porta mais prestigiante que um autor estreante poderia desejar. A vossa validação unânime transformou um manuscrito silencioso nesta realidade palpável. Agradeço profundamente por permitirem que este livro nasça com o vosso selo de excelência.

Aos meus primeiros leitores.
Andréa, Pedro, Inês, Carla, Nuno, Sandra, Ana, Mariana. Foi muito importante o vosso feedback quando tudo ainda era um *rascunho*.

E, *last but not least*, a ti, **meu Leitor.**
Aos que arriscaram. Aos que compraram este livro com pouca ou nenhuma informação, conhecendo-me ou não. Nunca terão a verdadeira noção do impacto que a vossa ação e a vossa atenção tiveram em mim.
Espero, acima de tudo, que se tenham divertido nestas páginas e que tenhamos passado um bom bocado enquanto aqui andámos juntos.
Foi um gosto e um agrado enorme partilhar esta viagem convosco. Muito obrigado pela oportunidade e pelo voto de confiança. Tudo isto só aconteceu por vossa "culpa".

ÍNDICE

PRÓLOGO 7

CAPÍTULO 1 11

CAPÍTULO 2 17

CAPÍTULO 3 21

CAPÍTULO 4 25

CAPÍTULO 5 35

CAPÍTULO 6 43

CAPÍTULO 7 51

CAPÍTULO 8 57

CAPÍTULO 9 61

CAPÍTULO 10 67

CAPÍTULO 11 – Epílogo 73

Agradecimento.....79

UM CADÁVER.
QUATRO CONFISSÕES.
O CRIME PERFEITO NÃO É FEITO DE SILÊNCIO.

São Jacinto, Aveiro. Duas décadas após o desaparecimento do pequeno Miguel no denso nevoeiro da península, uma tempestade brutal devolve os seus ossos à superfície. Mas o que se segue desafia qualquer lógica criminal.

Quatro insuspeitos habitantes: a médica, o padre, a velha professora primária e um pescador arruinado entram separadamente no posto da GNR.
Cada um confessa ter assassinado a criança.
Cada um apresenta o seu próprio motivo sombrio.
E cada um descreve, com uma precisão arrepiante, tudo o que a polícia mantinha em absoluto segredo.

É impossível que todos digam a verdade.

A inspetora Teresa e o psicólogo forense Vicente terão de quebrar uma comunidade inteira, disposta a sacrificar a própria vida por amor.
Mas como se destrói uma mentira, quando ela é a única coisa que mantém todos vivos?